

POMERQUENPO TXICAO

TRAJETÓRIA DO POVO IKPENG PARA A REGIÃO DO ALTO XINGU



Aldeia Ikpeng – margem esquerda do rio Batovi, 1958-1959.
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT.



POMERQUENPO TXICAO

TRAJETÓRIA DO POVO IKPENG PARA A REGIÃO DO ALTO XINGU

Dissertação do Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECEII) da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito para obtenção do título de mestre em Ensino em Contexto Indígena intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

Barra do Bugres

2022



Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

T111t	TXICAO, Pomerquenpotxicao. Trajetória do Povo Ikpeng para a Região do Alto Xingu Trajetória do Povo Ikpeng para a Região do Alto Xingu / Pomerquenpotxicao Txicao - Barra do Bugres, 2022. 75 f.; 30 cm. (ilustrações) II. color. (sim) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Campus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022. Orientador: Carlos Edinei de Oliveira Coorientador: Carlos Edinei de Oliveira 1. História Indígena. 2. Povo Ikepang. 3. Trajetória. 4. Parque Indígena do Xingu.. I. Pomerquenpotxicao Txicao. II. Trajetória do Povo Ikpeng para a Região do Alto Xingu: Trajetória do Povo Ikpeng para a Região do Alto Xingu. CDU 93/94 (=1-82)
-------	---



BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira (Orientador/UNEMAT)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Cunha de Franca (Examinador interno /UNEMAT)

Prof. Dr. Wary Kamaiurá Sabino (Examinador externo/ SEDUC-MT)

Prof.^a Dra. Mônica Cidele da Cruz (Examinadora interna / Suplente/ UNEMAT)

Barra do Bugres

2022



Dedico este trabalho à comunidade Ikpeng e meus familiares, esposa, mãe, pai, filho, filhas, irmãos, irmãs, tio, tias. Às lideranças Ikpeng, por acreditarem que o resultado do trabalho vai valer para minha comunidade. À UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, para essa longa jornada de estudos, que ora se finda.



AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Carlos Edinei de Oliveira pela orientação, obrigado por me aceitar e pela confiança neste trabalho. Ao meu pai Yakuma Txicao e minha mãe Kayanalu Waura, a vocês ofereço essa conquista.

Aos meus filhos, Yawate Kayualu, Mawanalu Katxiparu Txicao, Parikutu Tapakari Txicao , Tximairu Txicao ,e Īriwa Natalu Txicao , pelo respeito e carinho, a minha esposa Kanairu Ikpeng. Obrigado por acreditarem na minha pessoa.

Aos amigos indígenas e não-indígenas, estudantes do mestrado que colaboraram comigo, em especial meu irmão Kavisgo Txicão, muito obrigado.

Aos dirigentes da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em especial aos dirigentes e docentes que têm possibilitado que eu chegasse até aqui. Muito obrigado.



RESUMO

Esta dissertação apresenta um registro preliminar, na visão dos Ikpeng, sobre transferência do meu povo (Ikpeng) do território tradicional Jatobá, para território indígena do Xingu, sua terra atualmente. Foram transferidos da região que habitavam, nas margens do Rio Jatobá, localizado no atual município de Paranatinga – MT, em 1967. Uma transferência forçada pelos sertanistas irmãos Villas Boas, Claudio Villas Boas e Orlando Villas Boas. Fomos transferidos para região do alto Xingu. Na época, os Villas Boas estavam em contato com os povos do alto Xingu: Waura, Mehinaku e Matipu e outros. Depois, por meio de avião, conseguiram localizar a aldeia do nosso povo e fizeram primeiro sobrevoo sobre a aldeia soltando os presentes e rapaduras. Os Ikpeng, inicialmente chamaram a rapadura de coco do avião. Tiveram vários sobrevoos na região, só depois, pousaram no campo próximo aldeia dos Ikpeng. Quando o meu povo teve primeiro contato com os irmãos Villas Boas, eles já tinham contato com os aventureiros, garimpeiros que passavam na região onde os Ikpeng moravam. Os garimpeiros iam de canoa pelo rio Jatobá. Primeiro os Ikpeng tiveram contato com os garimpeiros e depois com os sertanistas. Para apresentar a trajetória do povo Ikpeng para o Alto Xingu na visão dos anciãos, a pesquisa foi realizada nas aldeias onde residem os anciãos. Foram entrevistados, três anciãos, Kampot Ikpeng na aldeia Moygu, Oyope Ikpeng na aldeia Kurure e Yakuma Txicao na aldeia Pavuru. As entrevistas foram gravadas no aparelho de celular, depois foram traduzidas do Ikpeng para o português. Para completar a produção da dissertação foram realizadas leituras sobre meu povo produzidas por antropólogos e, pesquisas em vídeos documentários disponíveis na internet.

Palavras-chave: História Indígena; Povo Ikepang; Trajetória; Parque Indígena do Xingu.



ABSTRACT

This dissertation presents a preliminary record, in the view of the Ikpeng, about the transfer of me of the people (Ikpeng) from the traditional Jatobá territory, to the Xingu indigenous territory, their land today. They were transferred from the region they inhabited, on the banks of the Jatobá River, located in the current municipality of Paranatinga - MT, in 1967. A forced transfer by the sertanistas brothers Villas Boas, Claudio Villas Boas, and Orlando Villas Boas. We were transferred to the upper Xingu region. At the time, the Villas Boas were in contact with the peoples of the upper Xingu: Waura, Mehinaku and Matipu and others. Then, by plane, they managed to locate the village of our people and first flew over the village dropping gifts and brown sugar. The Ikpeng, initially called the coconut sugar from the plane. They had several overflights in the region, only later, they landed in the field near the village of the Ikpeng. When my people first had contact with the Villas Boas brothers, they already had contact with the adventurers, miners who passed through the region where the Ikpeng lived. The prospectors went by canoe down the Jatobá River. First the Ikpeng had contact with the prospectors and later with the sertanistas. To present the trajectory of the Ikpeng people to the Upper Xingu in the view of the elders, the research was carried out in the villages where the elders reside. Three elders were interviewed, Kampot Ikpeng in Moygu village, Oyope Ikpeng in Kurure village and Yakuma Txicao in Pavuru village. The interviews were recorded on the cell phone, then translated from Ikpeng into Portuguese. To complete the production of the dissertation, readings about my people produced by anthropologists and research in documentary videos available on the internet were carried out.

Keywords: Indigenous history; Ikepeng people; Trajectory; Xingu Indigenous Park.



RESUMO NA LÍNGUA IKPENG

Nelogon imanin yenpareli tximna aneptowonpin pok jatuba gwatup xingu gwaktxi iroymi ningkin miran pe igip tximna naki totxit pok tupi ningkin tximna etxikan man wirapinpe tximna aneptantom Jatobá ronotpop ,jatobá ro tximna itatkelí tupi winpe nole 1967 tximna etxikan tupi claudio Villas Boa ,Orlando Villas Boa otximano wakno xingu gwaktxi erangron man iwipatomí ukpemuku waura ,mehinaku ,matipu kalongmo man erangron , irinkeni warako man iwotomí tximna etxit pirigopnole atmeromí rapadura , enegetkeriwa nole, mumpene tximna enetan orukutkelí eganoptomí man irinkeni ketpotke orukutkelí kantoman, etkewa man naktin irinkeni warako , kerup ipton tomí nan wotxi waraktxi Orlando ,Claudio keni worip nole naktit kalangmo tupi ningkin. Ga gwako garinpeiro ningkin muy warako naktit .Nelogon imamin ugwaneptowonpin ,xingu kwaktxi , onok ugwanetan txina logon araketporum ugwaneptomí ari warako , iroymi miranpe yenparaelan nelogon mira , kampot ,oyope yakuma keni miran yetpareli , kurure mapu yiratante oyope , moygu ro yiratante kampot ,pavuru mapo yiratante yakuma , imanku ge celula ge yetatkangte imtankom ,kerum yenpatante tupi miranparako imtankom , kerom ilon yenegetkante tupi nenpato kuraretowon pin pok internet warako man yenegetkante inenpaktatketpinkom. Nelogon pok yenparelan nelgon mira.

MIRA; IKPENG TXIMNA; ANEPTOWON; PIN; XINGU GWATXI



LISTA DE FIGURAS

- Fig. 01 - Vista aérea da Aldeia Moygu 2021
- Fig. 02 - Festa moyngo Aldeia Moygu 2021
- Fig. 03 - Festa moyngo Aldeia Moygu
- Fig. 04 - Casa Ikpeng
- Fig. 05 - Aldeia IKPENG na margem do rio Jatobá
- Fig. 06 - Avião sobrevoando região Jatobá
- Fig. 07 - Jovens Ikpeng, com Orlando Villas Boas
- Fig. 08 – Mapa da TI Roro Walu Ikpeng
- Fig. 09 - Povo Ikpeng
- Fig. 10 - Chegada dos Ikpeng no Parque Indígena do Xingu
- Fig. 11 - Chegada dos Ikpeng no Parque Indígena do Xingu
- Fig. 12 - Chegada na boca do rio Tutuari - Parque Nacional do Xingu
- Fig. 13 - Chegada dos Ikepeng no Parque Indígena do Xingu
- Fig. 14 - Chegada dos Ikepeng no Parque Indígena do Xingu
- Fig. 15 - Aldeia Ikpeng – margem esquerda do rio Batovi, 1958-1959.
- Fig. 16 - Jatobá em 1964 - Claudio Villas-Boas
- Fig. 17 - Jatobá em 1964 - Claudio Villas-Boas
- Fig. 18 - IGPA JESCO Jatobá em 1964. Claudio Villa-Boas e Orlando Villas-Boas dando presentes para os Ikpeng



SUMÁRIO

O pesquisador.....	11
Introdução	20
1. A origem do povo Ikpeng	27
2. O Atual Território Ikpeng	30
3. O Território do Jatobá	34
4. A marcas da transferência dos Ikpeng.....	39
5. A voz dos anciãos Ikpeng.....	49
6. A transferência dos Ikpeng e a voz dos anciãos	69
Considerações finais.....	72
Referências	74
Anexo 1 – Produto Pedagógico	77



O PESQUISADOR

Sou Pomerquenpo Txicao do povo Ikpeng, por isso falo do lugar indígena, falo do lugar em que me sinto preparado para contar aquilo que me foi repassado pelos anciãos e meu pai, a história de onde fomos transferidos e sobre a importância do território tradicional.

Escrevo também em minha segunda língua. É sabido por quase todo mundo que uma língua carrega em si a essência de um povo, sua identidade. Ao fazer esse trabalho tem sido difícil para mim dominar a transcrição da língua materna para segunda língua, mas com todas as dificuldades que traz esse exercício, é gratificante, tentar transmitir a essência da identidade do meu povo Ikpeng para outros povos e para os não-indígenas.

As culturas indígenas são pouco conhecidas e grande parte das pessoas ignora a sua riqueza. Acredito que, ao escrever sobre o território tradicional Ikpeng, eu possa contribuir para reduzir esse desconhecimento.

Nascido e crescido na aldeia Ikpeng, atual Coordenação Técnica Local Pavuru, em 12 de abril de 1983, filho da senhora Kayanalu Waura e do senhor Yakuma Txicao, casado com senhora Kanairu Ikeng junto constituímos linda família e seis filhos, por isso, falo do lugar Indígena da aldeia Ikpeng. Falo do lugar em que me sinto preparado, para contar aquilo que me foi repassado pelos anciões do povo sobre antigo território e retiradas das suas terras sagradas, tradicional para atual território onde estamos morando atualmente.

É muito importante registrar a história do protagonismo Ikpeng. A história na visão dos que estavam presentes nos dias em que tudo aconteceu, uma história viva ainda na memória dos anciãos. É importante registrar que a região do Rio Jatobá é território tradicional do meu povo.

Ao fazer esse trabalho, percebi que há um outro tipo de linguagem, a linguagem científica, que não é de uso comum de todos, mas só daqueles que se propõem a fazer pesquisa, tem sido difícil para mim dominar esse tipo de linguagem e, ao mesmo tempo, falar da cultura do meu povo, falar dos lugares sagrados e dos acontecimentos.



Mas com todas as dificuldades que traz esse exercício, é gratificante, tentar transmitir a essência da identidade territorial e material do povo Ikpeng aos não-indígenas.

Desde pequeno acompanhava o meu pai nas pescarias e nos deveres familiares, e ajudava a mãe nos deveres de casa. Com 11 anos de idade em 1994, o meu pai me incentivou para que eu entrasse na escola, na época a escola era ligada a Funai escola do posto Pavuru atual CTL Pavuru, a professora não era indígena, quando entrei na sala de aula a professora Suzana me entregou cartilha, lápis, borracha e régua pediu para que eu me sentasse do lado dos colegas que já vinham estudando há tempo. Todos estavam no 4º série.

A professora pediu para eu abrir a cartilha na página 35 e seguir com atividades, tudo isso foi um desafio, não tinha nem noção daquilo ali que ela estava pedindo para fazer, só ficava, com cartilha aberta sem reação. A colega que já estava estudando me ajudava bastante nas atividades, eu ficava com tanta vergonha de falar português com medo de falar errado.

O meu objetivo de frequentar a escola, era para aprender a falar e escrever na língua portuguesa, para defender os direitos do meu povo, não tinha como objetivo aprender as coisas da cultura Ikpeng, se acreditava que não era necessário que a escola ensinasse a língua materna e práticas culturais do povo, porque se via naquele ano uma cultura estável e uma língua forte. Porém o tempo passou foi se percebendo que também era importante aprender sobre a cultura do povo Ikpeng, principalmente a falar e a escrever a língua materna fluentemente, pois se notou que muitos já estavam falando mais a língua portuguesa do que a sua própria língua.

Em 1996 a escola do posto foi extinta deixando de ser administrada pela Funai e passando para o município, passou a ser Escola Indígena Municipal de 1º Grau de Feliz Natal, foi quando me matriculei pela primeira vez na escola.

Sempre fui aluno que não gostava de algumas matérias como matemática e arte, fazer desenhos, mas sempre me esforcei para realizar as minhas atividades, o meu segundo professor foi Korotowi Taffarel, foi o mesmo que mostrou o mundo da escrita e da leitura, outros professores que foram importantes na minha formação como cidadão e academicamente foram os professores Maiua Meg Poanpo Txicão,



Korotowi Taffarel, e lokore Kawakum Ikpeng sempre me inspirei neles. Sempre dizia que quando terminasse os estudos iria ser professor igual a eles, por que eles já frequentavam os cursos de magistério e foram para a Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat.

Na época estes professores participavam do curso de formação de professores indígenas, ofertado pelo Instituto Socioambiental (ISA), oferecidos pelo MEC e Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso - SEDUC MT. Este curso foi de suma importância para a formação destes professores e na nossa formação no ensino fundamental, pois contribuiu para fortalecimento da cultura dentro das comunidades xinguanas, mostrou as novas metodologias de ensino focado na realidade de cada comunidade. Não bastava ensinar o conhecimento ocidental também tinha que ensinar os ensinamentos da cultura, ou seja, equacionar os conhecimentos, pois os dois eram de suma importância.

Em 1998 a escola municipal, Escola Indígena Municipal de 1º Grau, com o pedido da comunidade para estadualizar, a escola passou a ser atendida pelo estado, com denominação Escola Estadual Indígena Central Ikpeng, neste período eu já estava no 5º ano do ensino fundamental, na época 5ª etapa com meus 15 anos de idade, ainda aprendendo a dominar a leitura e a escrita.

Em meados de 2004, com meus 21 anos de idade, a comunidade juntamente com professores convocaram assembleia para indicar novos professores na escola que os três não davam conta de atender as demandas, pois o número de alunos matriculados tinha aumentado e o professor mestre Korotowi Taffarel não podia pegar sala porque ele assumiu a função de Diretor da escola e professor lokore Kawakum Ikpeng assumiu a Presidência do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE) para atender as novas demandas tinham que indicar quatro professores novos para lecionar para alunos de 1ª Etapa, 2ª Etapa, 3ª Etapa e 4ª Etapa. Na época nessa reunião foram indicados três professores e quatro comigo. Fiquei muito feliz, já era casado com minha esposa Kanairu Ikpeng, tinha duas filhas Kayualu Yawate Ikeng e Mawanalu Katxiparu Txicao, após a reunião participei do curso de formação de magistério para professores indígenas promovidas pelo ISA.

Na escola as disciplinas que mais gostava era Geografia, o professor nessa disciplina levava alunos no campo para cada um observar o ambiente e pesquisar



seus pais sobre lugares povo e localização da roça da lagoa, da cidade, e do município.

Em 2005 participei da formação dos professores indígenas do Xingu, na época indicado pela comunidade me desloquei junto com colegas para posto Diauarum baixo Xingu o local do curso promovido pelo ISA com parceria com a SEDUC. No final de 2005 a Seduc não mais firmou parceria com ONG ISA na oferta do curso de Magistério, então só participei de quatro etapas de formação. Em 2006 não participei da primeira etapa presencial do projeto Haiyô, porém no alto Xingu já haviam iniciado, o projeto Haiyô em 2006 ofertado especificamente pela SEDUC – MT. E a conquista deste curso veio com muitas lutas pelos professores e lideranças do estado de Mato Grosso. Eu comecei a participar do curso de formação do projeto Haiyô em 2007 no médio Xingu na Coordenação Técnica Local Pavuru dando continuidade nos estudos.

O curso teve seu início no ano de 2006 em outros polos, e na região do médio do Xingu ele apenas se iniciou um ano depois, o curso tinha como objetivo formar professores das aldeias em nível médio, para que eles pudessem lecionar para suas comunidades

O curso no Polo Pavuru iniciou se com aproximadamente 42 alunos das etnias Ikpeng, Kawaiwete, Trumai, Kinsêdjê, Yudja, Kamaiura e Waura. Estes povos estão localizados no médio, baixo e leste Xingu. Todos com suas culturas, suas línguas, crenças e organização social diferente uma da outra.

O primeiro módulo da formação iniciou em junho de 2007 dando assim a continuidades na minha formação na área de educação como professor indígena. Durante as aulas sempre me dediquei muito aos trabalhos coletivos e individual, apresentava trabalhos com muita cautela e facilidade, sempre realizava os meus deveres com muito capricho e delicadeza.

Durante o curso tive várias professoras e professores, fiz amigos que até hoje são amigos, são colegas de trabalho, conheci várias culturas, vários sonhos, e muitas destes sonhos eram iguais ao meu, compartilhávamos os saberes aprendíamos e ensinávamos ao mesmo tempo.



Ao cursar magistério pude perceber que para ser professor tem que ter amor pela profissão. Me mostrou que para ser educador é necessário compartilhar saberes, e necessário valorizar os conhecimentos empíricos dos alunos. Que também me ensinou que para ser professor temos que ser exemplo, de uma pessoa do bem, fazer coisas para ajudar o próximo, não sendo professor apenas em sala de aula.

Finalmente em 2010, chegou o dia mais esperado de cinco anos de muitas batalhas, muitas aprendizagens de muitas histórias construídas com os colegas e todos envolvidos neste curso. Histórias que são compartilhadas no momento de reencontro com os colegas nos dias de hoje. No dia 15 de dezembro se realizava a formatura da turma de professores do projeto Haiyô, com festas tradicionais de cada povo, tendo como local de formação o Polo Pavuru e a Escola Estadual Indígena Central Ikpeng, lugar na qual passamos juntos as dez etapas realizadas, infelizmente não pude estar presente neste momento especial.

Desde pequeno o meu pai sempre nos orientou para que eu e meus irmãos tivéssemos uma educação escolar, sempre quis que nós tivéssemos estudos para ter bons empregos, sempre nos incentivou a alçar voos mais altos na vida acadêmica, e com este incentivo e apoio familiar graças a deus conseguir realizar estes sonhos.

Em 2010, terminei o meu curso de magistério pelo projeto Hâiyo ofertado pelo SEDUC-MT, foi um passo de suma importância para ter direito de participar do processo seletivo da licenciatura intercultural ofertada pela UNEMAT. E no primeiro semestre de 2011, me inscrevi e participei do processo seletivo, na qual era necessário apenas escrever uma redação de três laudas falando, do porquê está querendo ocupar uma das vagas, e como foi a sua trajetória escolar, e como este curso poderia ajudar a sua comunidade. E graças a Deus fui selecionado, para ocupar uma das vagas, e foi uma conquista pessoal muito importante para mim, para minha família e para comunidade.

No segundo semestre de 2011, exatamente no mês de junho fomos para primeira etapa do curso, a ansiedade a expectativa era tanta que do ponto vista pedagógico saiu tudo como se esperava, porém, na parte logística encontramos um alojamento em decadência, mas, isso era de menos, o importante era as ações pedagógicas que a UNEMAT nos ofereceu. Na primeira semana do curso, fiquei só no puro encantamento nas pessoas que ali estavam presentes, principalmente



trabalhar com doutor Elias Januário que tanto ouvia fala dele pelos professores que estudavam com ele, foi uma grande honra.

Desde o começo do curso decidi que iria cursar a licenciatura em Ciências Sociais pois as disciplinas de Ciências Sociais, Geografia e História sempre foram as que tinha facilidade de compreender melhor, por este motivo escolhe este curso.

Quando dividimos as turmas na quarta etapa, comecei a compreender a profundo sobre políticas educação escolar indígenas, aprendi como trabalhar com estes temas como geografia e história para alunos do ensino fundamental e médio no conhecimento ocidental e no conhecimento do povo.

Além destas disciplinas, nos primeiros três anos do curso tivemos outras disciplinas como matemática, língua portuguesa todas de suma importância para adquirir um pouco da base obrigatório para formação acadêmica.

Durante estes anos do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, o conhecimento pequeno foi gradativamente crescendo, aumentando, as aprendizagens foram se modelando e assim me tornava professor que sou hoje. Com passar dos cinco anos chegava à etapa final, era a da pesquisa em campo e leitura de livros para embasamento teórico, e ao mesmo tempo festa de formatura, o primeiro passo foi a escolha do tema: As fases da vida Ikpeng, depois foi a escolha do orientador escolhi o professor Luciano Pereira da Silva. Depois de dois anos de muita pesquisa, principalmente pesquisa em campo, entrevistas com anciões da comunidade, finalmente em abril de 2016, finalizei o meu trabalho, e no mesmo mês a defesa tão aguardada, mais graças a deus ocorreu tudo nos conforme.

Finalmente chegou o grande dia, o dia da formatura que ocorreu no mês de abril data que será para sempre especial, meus pais não puderam estar presente por questões financeiros, mesmo assim estavam presentes espiritualmente e no coração, mas minha família estava presente. Foi uma emoção muito grande em receber tão esperado diploma de licenciado em Ciências sócias, que custou cinco anos de muita dedicação nos estudos e saudades imensas da família, mas por fim deu tudo certo.

Diante destes acontecimentos na minha caminhada acadêmica adquiri muitos conhecimentos, que ainda não tive oportunidades de repassar para os alunos. Aprendi de fato exercer a minha função de professor e gestor da escola com práticas



pedagógicas sempre focado na interculturalidade. Nesta caminhada fiz amigos, superei obstáculos, venci batalhas, e essas batalhas me tornaram o homem com uma visão ampla, com visão de sempre ajudar o próximo, de sempre fortalecer as práticas culturais da comunidade.

Em 2005 se iniciava uma nova fase da vida, se iniciava a realização de um sonho, sonho este de ser um professor, as novas aprendizagens sendo construídos pessoas importantes e fundamentais para chegar ao objetivo profissional.

Em junho de 2005, aos 22 anos de idade, depois de primeira etapa do curso de magistério então diretor da escola Ikpeng, senhor Korotowi Taffarel, apresentou minha turma, dá-se assim início a minha caminhada, exercer a função de professor indígena da comunidade. Fiquei emocionado no momento pensei que o sonho estava se realizando, porém o Korotowi Taffarel disse para mim que, mesmo não tendo documentação completa para contrato teria que iniciar as aulas que estava faltando professor, ele iria encaminhar o meu contrato, confiava na minha capacidade e na minha pessoa para ser um ótimo professor. E desta maneira foi contratado e comecei a exercer de fato a profissão de professor.

Em junho de 2005, comecei a lecionar na sala de aula para uma turma de 25 alunos de 2ª Etapa de ensino fundamental. Nos primeiros dias tive que me adaptar a profissão e de como lidar com os alunos, dias após dias, foi aprimorando as minhas práticas pedagógicas, executei meus planos de aula que foi elaborado no curso de magistério junto com professoras Rosana Gasparini, Maria Cristina Trancareli Bimba e da Camila Pitanga que eram consultoras pedagógicas que trabalhavam para o Instituto Socioambiental (ISA). Estas professoras me mostraram e me ensinaram como elaborar um bom plano de aula visando a interculturalidade do povo Ikpeng e o conhecimento ocidental, me mostraram como trabalhar estes planos na sala de aula, me acompanhavam por uma semana, e me orientavam sempre que possível para executar excelente trabalho na sala de aula, me mostraram que o ensino não só deve acontecer na sala de aula, ela deve também ocorrer no meio social do povo Ikpeng, pois o ensinamento dos povos indígenas ocorre no dia a dia da comunidade cada ano que se passava eu percebia que eu estava melhorando nas minhas práticas pedagógicas, pois era aluno do curso de magistério e durante as etapas presencias se estudava muito sobre metodologia de ensino nas escolas indígenas.



A metodologia que era trabalhada, era da seguinte forma, se ensinava uma semana de cada disciplina, ou seja, uma semana só de língua materna, uma semana só de língua portuguesa, geografia, história e desta maneira se percebia que o entendimento dos conteúdos trabalhados era de fato compreendidas e compartilhadas pelos alunos.

Em 2007 quando professor Korotowi Taffarel passou no concurso do estado como professor, então ele não podia mais estar na gestão da escola como Diretor, pois ele tinha que cumprir estágio probatório dele na sala de aula, então o presidente do CDCE professor Lokore Kawakum Ikpeng convocou assembleia para indicação do novo Diretor da escola, nessa reunião foi indicado nome da minha pessoa para assumir a escola como diretor com confiança do professor Korotowi Taffarel acabei aceitando a indicação desde então foi gestor da escola 2008 a 2013 e 2016 a 2019 não qual nunca tive oportunidade de lecionar para alunos, mais sempre me dediquei bastante na organização do PPP da escola calendário e na parte administrativa e política sempre em prol da educação, as vezes lecionava para alunos quando professor saia para cidade eu iria trabalhar com a turma dele para botar em pratica o que aprendia no curso de magistério e também quando me ingressei na faculdade também trabalhava com os alunos de alguns professores por que tinha que preenche meu estágio da faculdade e eu preparava meus plano de aulas no caderno deixava organizado quando professores saiam eu já tinha minhas aulas prontas. Minha vida profissional foi dedicada, principalmente a gestão da escola.

Em 2019, foi um ano especial, um ano que passei no processo seletivo para primeiro mestrado especificamente para povos indígenas de Mato Grosso, mas um passo para aperfeiçoamento na profissão como professor.

Em junho de 2019 saiu edital para concorrer o primeiro mestrado intercultural ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso, um marco na história da educação escolar indígena e conquista de anos de luta dos professores indígena juntamente com os professores da UNEMAT, especialmente os que trabalham com educação indígena dentro da instituição, principalmente o professor Adailton Alves e professora Mônica Cidele da Cruz e os demais que estão nessa luta a muitos anos.

Logo na primeira etapa, reencontrei com os colegas da graduação, um momento muito bom, encontrei professores e colegas que hoje são lideranças das



suas comunidades professores de conhecimentos amplos, e durante o curso aprendi muito com eles, aprendi como ser uma liderança na aldeia, aprendi qual é realmente o foco da educação escolar indígena intercultural e diferenciada. Conhece as realidades e desafios das outras escolas indígenas, e compartilhei as nossas conquistas e desafios que enfrentamos hoje no dia a dia na nossa caminhada como professor.

A muito caminho foi trilhado neste curso de mestrado, muitos desafios superados e muita bagagem adquirida com muita dedicação nos estudos, pude aprimorar muito meus conhecimentos acadêmicos e pessoais.



INTRODUÇÃO

A região do rio Jatobá e do alto rio Ronuro, localizado no atual município de Paranatinga – MT, era tradicionalmente ocupada pelo povo Ikpeng até 1967, quando então foram transferidos para o atual Parque Indígena do Xingu. Esta mudança foi promovida pela administração indigenista na época do SPI na qual os irmãos Villas Boas estavam a frente do trabalho de contato como meu povo para trazê-los para o Xingu, com o intuito, segundo eles, de proteger meu povo. Proteger sua integridade física, pois haviam vários riscos à sobrevivência deste grupo.

Embora a mudança tenha contribuído com proteção e assistência para a sua manutenção física, trouxe também vários transtornos relacionados com a adaptação ao novo território. Os ambientes existentes na região, para onde meu povo foi transferido, para o rio Tutuari (Xingu), esse território atual não correspondia em vários aspectos aos ambientes das cabeceiras, que são encontrados na região dos rios Jatobá e Ronuro.

Estas diferenças referem-se aos tipos de recursos utilizados por meu povo, que possuem uma relação estreita com o meio ambiente e que está diretamente relacionada a sua estratégia de sobrevivência no uso e manejo dos ambientes para sua reprodução física e cultural. Dentre estas discontinuidades ocasionadas com a transferência para o alto Xingu, muitos aspectos são sempre manifestados pelos mais velhos, que nasceram nesta região e que têm procurado manter vivos muitos destes elementos de sua cultura, que estavam sendo perdidos ou esquecidos pelas gerações mais jovens que nunca chegaram a conhecer a região do Jatobá.

Meu povo foi retirado do seu território tradicional para Terra indígena do Xingu, tendo que deixar seu território de origem. Durante a trajetória até seu território atual, a transferência ocorreu decorrente dos avanços dos colonizadores para região do Centro-Oeste do país. Esse avanço, a Marcha para o Oeste, programa do governo federal fez com que os brancos avançassem para o território do meu povo.

Os primeiros invasores do território tradicional Ikpeng fomos garimpeiros. Eles apareceram pelos rios, navegando de canoa. Muitos garimpeiros eram constantes navegando nos rios do território do meu povo. A presença dos garimpeiros



provocou mudanças na vida dos Ikpeng, o que foi uma preocupação das lideranças e anciãos.

Meu povo, os Ikpeng foram contatados em 1964, tradicionalmente ocupavam a região do município de Paranatinga MT, às margens do rio Jatobá e Ronuro.

Hoje vivemos em seis aldeias. Aldeia Moygu mais populosa, Arayo, Tupara segunda Aldeia populosa Rawo, Paranoa e Kurure. O processo de homologação das terras indígenas deixou de fora o antigo território tradicional dos Ikpeng sendo que nossa origem foi na região das margens do Pule (Amazonas).

Segundo relatos dos anciões, meu povo fez uma grande trajetória da origem até os dias de hoje, eram nômades e a cada ano migrávamos para outro território, conforme a necessidade dos recursos naturais que precisávamos e se acabavam. Seguiram os rios Tapajós, Iriri e Teles Pires e durante esse processo encontrávamos outros povos indígenas com quem guerreávamos e aprendiam muitas coisas, como a tecelagem e outras.

Nessa época eram destemidos, ainda somos. No passado atacávamos com frequência as aldeias dos outros povos para adquirir panelas de cerâmica, utensílios e crianças. Nessa trajetória chegamos ao sudoeste do Parque Indígena Xingu, acompanhando o rio Batovi, Roro Walu ou rio Jatobá e rio Ronuro. Nesta região guerreávamos com índios Waura, Mehinaku, Nafukua, Trumai e Bakairi, que habitavam o sul do Xingu. Em meados da década de 1950, fizemos uma última guerra contra o povo Waura, raptando duas crianças: Kamiru e Txialu. Por sua vez, os Waura, com armas de fogo obtidas de um branco, nos atacaram e mataram doze pessoas da comunidade da aldeia na tentativa de resgatá-las.

Algum tempo depois, epidemias de gripe e de sarampo pegou meu povo todos adoeceram, trazidas por garimpeiros e aventureiros que invadiram território, essas doenças dizimou metade da população. Em 1964 tivemos o primeiro contato pacífico com o homem branco, quando os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas foram oferecendo facões, machados, panelas de alumínio entre outros utensílios. A partir daquele momento a vida mudou muito porque tiveram que adaptar a um modo de vida bastante diferente do meu povo. Somos povo falante da família linguística Karib e que em virtude dos contatos tivemos também de aprender o português. Em face dessa



longa história de contatos essa pesquisa tem o objetivo de pesquisar a trajetória do meu povo para o a região do alto Xingu, atual terra indígena do Xingu (TIX).

Neste sentido, o problema da pesquisa é responder, conforme a visão dos anciãos que participaram do processo de transferência do povo Ikpeng do Rio Jatobá para o Xingu, como ocorreu essa transferência e o seus significados. Para tanto temos o seguinte objetivo geral registrar a trajetória do povo Ikpeng de modo a compreender os processos e os resultados de sua transferência do seu território tradicional para a atual Terra Indígena do Xingu e também como objetivos específicos, mapear a trajetória dos Ikpeng com o intuito de apresentar os processos históricos e os deslocamentos territoriais e culturais sofridos por este povo indígena, estudar a história dos contatos dos Ikpeng com vistas a refletir sobre as condições simbólicas e pragmáticas sobre as quais se deram os contatos e registrar as memórias dos anciãos de modo a contribuir com a preservação dos conhecimentos tradicionais dos Ikpeng.

Para a escrita da dissertação fez se necessário realizar entrevistas com os anciãos, desta forma a pesquisa foi realizada *in loco* nas aldeias dos anciãos. As entrevistas ocorreram nas aldeias: Moygu, Kurure e na Ctl Pavuru, nas casas dos anciãos. Eles deram entrevistas na língua Ikpeng, o que posteriormente foi traduzida para a língua portuguesa. Esses anciãos viveram o momento da transferência do meu povo para o Xingu.

As informações etnográficas sobre os Ikpeng foram consultadas em bibliografia específica, além de também tem sido obtida a partir dos próprios anciãos entrevistados. Além disto, contou-se também com a participação ativa do ancião Ikpeng que procurou relatar vários momentos do contato com não indígenas e sobre a vida na região do Jatobá, além de contribuírem com relatos e histórias pessoais, fatos ocorridos. Foram elaboradas algumas perguntas enriquecendo as informações sobre contato com os irmãos Villas-Boas, que são ainda escassas na bibliografia etnográfica brasileira sobre povo Ikpeng, contado pelo próprio Ikpeng.

Para completar a pesquisa foram realizadas leituras sobre o povo Ikpeng, de pesquisas já produzidas por antropólogos, assim como, assisti vídeos documentários sobre a presença dos irmãos Villas-Boas na região central do Brasil e o contato com povos indígenas. Os sites do Isa e da FUNAI também foram consultados.



A seguir vou construir o caminho metodológico do desenvolvimento da pesquisa.

Para iniciar os trabalhos de pesquisa comecei a pesquisar na internet os trabalhos sobre os Ikpeng, nos livros, trabalhos realizados, e no filmes, na casa da cultura Mawo, que fica na associação Moygu do povo Ikpeng, primeiro fiz trabalho bibliográficos, pesquisar os trabalhos já realizados sobre o tema Ikpeng, fiz as leituras, anotações, quando veio pandemia covid-19, não tive acesso à internet, fiquei parado, só no final de 2020, voltei acessar internet e continua com a pesquisa sobre meu povo, existe vários trabalhos sobre os Ikpeng, principalmente no *site* do Instituto Sócio Ambiental - ISA que trabalha e outros trabalhos dos pesquisadores como o de Eduardo Galvão e outros.

Em um segundo momento, para iniciar as atividades de campo foi preciso planejamento, os anciãos moram em aldeias diferentes, precisam de barco a motor e combustível gasolina para chegar até o local de pesquisa nas aldeias dos anciãos, assim dificultando, e atrasava iniciar minha pesquisa junto ao anciãos das aldeias, trabalhos de pesquisa não foi fácil por conta da pandemia Covid-19, encontrei dificuldades de realizar a minha pesquisa, porque na minha aldeia não mora ancião que conhece a história de contato e transferência, por conta de isolamento, não podia ir para aldeias dos anciãos que pretendia gravar depoimentos deles sobre a transferência, tinha que esperar até final de 2020, por conta da Covid-19 era proibido visitar parentes em outras aldeias.

Foi preciso muita paciência, espera e autorização para entrevista, quando liberou as visitas nas aldeias mandei recado via rádio amador comunicando o ancião sobre a minha pesquisa, os mesmos cientes do tema da minha pesquisa, marcamos o dia para visita e aproveitar para ouvir e gravar os depoimentos.

O primeiro depoimento foi com o senhor Oyope Ikpeng da aldeia Kurure do povo Ikpeng, aldeia recém-criado, próximo minha aldeia há 30 minutos de barco sobre meu projeto o tema do projeto.

Oyope Ikpeng ancião autorizou minha ida para aldeia dele, no dia seguinte, segui rumo a aldeia Kurere, por volta de 10 horas chegamos na aldeia, logo foi direto para casa dele aonde ele estava me esperando, falei da importância do projeto,



porque escolhi o tema, então pedi autorização se podia gravar depoimento dele, ele diz sim, vou falar na nossa língua depois você escreve em português, gravei com meu celular, 40 minutos de entrevista.

No outro dia comecei a ouvir a gravação, ouvi três vezes, só depois comecei a transcrever, foi difícil transcrever para português, a parte mais difícil da transcrição todas as pessoas da aldeia Kurure ficaram ouvindo também o depoimento do ancião.

O segundo ancião entrevistado foi senhor Yakuma Txicão meu pai morador do Ctl Pavuru, antigo posto da FUNAI, também por conta da pandemia era difícil encontrar com ele e falar com ele via rádio, por conta da pandemia a família toda tinham refugiado para mata, estavam na mata, só consegui entrevistar quando ele voltou para Ctl Pavuru no início do 2021, usei a mesma metodologia e recurso, como celular para gravar, a entrevista foi na casa dele, 30 minutos de gravação. Logo depois, comecei a ouvir e transcrever a fala dele.

Com ancião KAMPOT IKPENG da aldeia Moygu que fica cerca de uma hora da minha aldeia, também encontrei a dificuldade para chegar aonde ele estava, pois ele estava na mata refugiado da Covid -19. Era difícil o acesso e não era autorizado a visita, acampamentos dos parentes e das famílias, isso dificultou todos os andamentos da minha pesquisa com o ancião, usei a mesma metodologia para começar a gravação. A entrevista com ele foi mais longa, durou uma hora, depois da gravação, ouvi três vezes, só depois comecei a transcrever para o português.

Quando vinha para a escola Ikpeng na Ctl Pavuru, buscar informações sobre a escola eu ficava uma semana na Ctl na casa dos meus pais, nessas visitas que realizei as entrevistas com os dois anciãos Kampot Ikpeng da aldeia Moygu e Yakuma Txicão do Ctl Pavuru. Também realizei conversas, entrevistas sem gravação, mais a maior parte da entrevista foram gravadas.

Ao realizar a primeira entrevista percebi que a situação de pesquisa parecia tirar a liberdade do ancião com quem eu conversava depois foi mudando minha metodologia e as entrevistas ficaram mais à vontade.

Meu pai falava mais livre comigo conversamos na língua materna, alguns assuntos que não transcrevemos não estão na gravação estão em anotação no caderno, outras optei em não anotar, são cenas de acontecimentos durante o refúgio



quando foram atacados pelo povo Waura. Considero dessa forma as falas que são mais verdadeiras, foi de suma importância a metodologia que utilizei na hora da pesquisa.

Depois da coleta de informações entrevistei três anciãos que escolhi pesquisar para minha pesquisa de mestrado, comecei o trabalho de transcrever para português, o trabalho que não é nada fácil. Sempre transcrevia das 14 horas até as 15 e depois das 21 horas até às 1 horas da manhã, sempre na quarta-feira. Comecei primeiro a transcrever a entrevista com Oyope, , Kampot, Yakuma e por último da anciã senhora Erapu ela estava em visita na casa do meu pai no mês de junho de 2022 e aproveitei presença dela fiz breve apresentação oralmente para ela e ela entendeu ,e comecei a entrevista usei celular para gravar e transcrever para língua portuguesa. A transcrição levou duas semanas, trabalhei dois sábados e domingo sempre no período noturno.

Depois feito todo isso, junto com meu orientador organizamos o trabalho de dissertação, organizar a estrutura do trabalho, o difícil foi organizar as redações dos textos, nessa parte encontrei maior dificuldades com a língua portuguesa, mas o objetivo principal da minha pesquisa conseguiu alcançar, de conhecer a história do contato e como se deu a transferência do meu povo, meu objeto de estudo acadêmico.

O projeto foi apresentado para comunidade no centro da aldeia, apresentei o tema da pesquisa com propósito de registrar esse momento importante para meu povo, registrar como se deu todo esse processo de transferência , terminando minha apresentação que foi oralmente para comunidade, lideranças e caciques perguntaram porque me interessei em fazer o trabalho com esse tema. Eles falaram que o tema é importante sobre o território tradicional, porque você como Ikpeng estará registrando o trabalho sobre nossa transferência, vamos colaborar com seu trabalho, para que fique registrado nossa história de contato, estamos contentes de você interessar de fazer esse trabalho com a nossa comunidade, com nosso povo.

Meu projeto foi bem aceito pela comunidade e lideranças, quando meu projeto foi aprovado voltei a falar com lideranças que fui aprovado no curso do mestrado e que irei iniciar meu trabalho de pesquisa, apresentei meu cronograma de pesquisa, como seria meu trabalho no campo, estava tudo certo com a comunidade, mas quando chegou o Covid 19, mudou toda a programação não consegui seguir meu



planejamento apresentado, praticamente me distanciei da comunidade e dos anciãos. Os anciãos se refugiaram na mata, pela margem do rio com medo da doença, isso ficou difícil para que eu continuasse com meu planejamento, só após melhorar um pouco a pandemia, eu consegui contato com os anciãos para continuar a pesquisa.

É significativo dizer que transcrevi nas entrevistas os assuntos que tem a ver com as mudanças de transferência do meu povo para o Alto Xingu, nessas entrevistas os anciãos narraram momento triste que aconteceram com a morte de crianças, os anciãos pediram para não transcrever e registrar esse fato. Eles disseram que esse assunto era para eu conhecer a parte da história triste, que eu estava proibido de escrever respeitando a fala dos anciãos, desta forma, não registro nesta dissertação esta questão abordada pelos anciãos, por isso não registro aqui esses fatos marcantes tristes chocantes provocados pelos próprio Ikpeng, como estratégia de refúgios dos então inimigos Waura. Foi pedido dos anciãos para que eu não colocasse a imagem deles na dissertação e esta questão foi respeitada.

Acompanha esta dissertação o produto pedagógico, exigência do mestrado profissional em Ensino em Contexto Indígena intercultural, que neste caso é um livro paradidático sobre o contato e a transferência do povo Ikpeng da região do rio Jatobá para o alto Xingu, até se estabelecerem no médio Xingu. Este livro paradidático deverá ser utilizado como material didático para o ensino fundamental e médio nas escolas do povo Ikpeng, porém é uma produção construída a partir das narrativas de anciãos indígenas sobre o movimento de transferência do meu povo Ikpeng do seu território tradicional para o território em que residem hoje, na época, a transferência foi liderada pelos irmão Villas Boas. Desta forma, o paradidático nos ensina a História do Brasil pelas palavras do povo Ikpeng.



1. A ORIGEM DO POVO IKPENG

Para registrar o mito de origem dos Ikpeng recorreu-se a narrativa contada pelos anciões, Ayope Ikpeng, 78 anos, as conversas com ele, aconteceu em sua respectiva aldeia Kurure, segundo ancião e historiador tradicional, na origem, os Ikpeng viviam nas entranhas da terra. Tinham forma de animais e utilizam frutas nativas como base de sua alimentação. Consumiam também muita mandioca.

Antes de entrar dentro da terra, os ancestrais Ikpeng fizeram uma grande festa no centro da aldeia. Homens, mulheres e as crianças seguravam casca de árvores nas mãos para dançar. Naquele tempo, os Ikpeng viviam tranquilos e em paz, além de desfrutar de muita fartura de alimentos.

Mas acontece que nem todos os grupos entraram de baixo da superfície da Terra. Os grupos que sobraram se transformaram em pássaros como jacu, pomba e tucano. Logo depois, chegaram duas irmãs que foram caçar, quando voltaram da caçada chegaram próximo à aldeia e não ouviram nenhum barulho das pessoas. Entraram na casa não tinha ninguém, começaram a rodear em volta da casa procurando as pessoas, mas não encontraram ninguém. Elas não sabiam para onde tinham ido as pessoas da aldeia. Ficaram na aldeia algum tempo e se alimentavam com beiju e mingau feitos de mandioca ralada.

As duas irmãs resolveram ir para a roça buscar mandioca para fazer polvilho para se alimentarem. Quando voltaram, o irmão mais novo Kureko resolveu ir ao rio tirar a sujeira do tipiti para colocar massa de mandioca. Quando chegou no rio subiu na ponte, olhou no fundo do rio e viu o peixe sagrado Tomuko. Ele resolveu voltar para casa, pegar a flecha para matá-lo. Quando chegou em casa o irmão perguntou o que estava acontecendo. Ele disse que havia o peixe no fundo do rio.

Retornou ao rio e começou a atirar a flecha, mas o peixe pediu para ele não fazer aquilo em retribuição ele iria contar onde estavam as famílias. Assim o peixe não foi morto. O Tomuko pediu para Kureko mergulhar no fundo do rio. Kureko mergulhou no fundo do rio e entrou embaixo da superfície da Terra. Ao observar o formato da aldeia, constatou que era igualzinha à aldeia existente na superfície da Terra. As pessoas a reconheceram e contaram para a sua mãe. Ela começou a chegar mais



próxima da mãe para cumprimentá-la. A mãe disse para ele que a sua irmã tinha sofrido uma transformação e tinha “virado” homem. Após tal transformação estava conseguindo matar os animais como anta, veado, porco etc.

A mãe pediu para Kureko se esconder no canto da casa e se cobrir com lenha para a irmã não descobrir e matar ele. A pós a caçada, a irmã voltou para casa e falou para a mãe que estava sentindo cheiro de outra pessoa. A mãe lhe respondeu que não havia ninguém. Conformada com a resposta dada pela mãe, a irmã foi tomar banho. Nisso Kureko saiu de baixo do monte de lenha e foi solicitar orientação a sua mãe.

A mãe orientou Kureko a oferecer à sua irmã amendoim, semente de algodão e cabelo. Também ensinou as técnicas de derrubada de árvores para preparar a madeira de qualidade para fazer uma casa em forma de círculo. Para suprir as necessidades com a alimentação, ela ensinou as técnicas de caça. Por fim, lembrou que não se deve ficar por muito tempo no mato caçando, deve-se ficar lá alguns dias e depois retornar à aldeia.

Após receber tais orientações Kureko foi dar um mergulho no rio. Nesse interim, sua Irmã havia retornado e estava aguardando-a na casa. Assim que Kureko retornou do rio, sua irmã perguntou o que estava fazendo, pois havia demorado muito. Após breve momento de hesitação, Kureko revelou a seu irmão que a mãe deles estava no fundo da Terra, juntamente com todas as pessoas que um dia haviam vivido aqui na Terra. Então Kureko começou a contar o que a mãe lhe ensinou:

- A mãe pediu para nós limparmos o lugar dos troncos das árvores para nós derrubar e começar a fincar no centro e naquele lugar que limpamos. Ela pediu para nós derrubarmos qualquer tipo de árvore como buritizal, pindaíba, loro etc.

Então Kureko e o irmão começaram a derrubar a madeira e fincar em forma de círculo. Quando terminaram elas saíram para caçar. Durante a caçada os troncos se transformaram em seres humanos.

No dia seguinte o irmão pediu a Kureko para ir buscar beiju para comer, pois estava com fome. Ao se aproximar da aldeia ela viu a estrada limpa e com muitas coisas como árvores derrubadas para tirar mel, palha de tucum, embira e pena dos animais. Mais adiante, Kureko se deparou com rastros de pessoas. Continuou



andando e começou a ouvir gritos de pessoas que saíam de dentro de suas casas que haviam construído. E quando chegou no centro da aldeia, as pessoas reconheceram Kureko e foram correndo avisar a sua mãe sobre o retorno do filho. A mãe a cumprimentou e Kureko lhe contou que o alimento havia acabado e que ela havia ido até a casa buscar beiju. Então a mãe começou a fazer beiju para levar para a irmão que havia ficado no mato. Kureko lhe disse:

- Nossa mãe está lá juntamente com todas as pessoas que apareceram novamente então o irmão ficou alegre e curiosa para ver a mãe. Depois de dois dias eles chegaram da caçada trazendo uma quantidade muito grande de animais. A mãe deles começou a dividir os animais com as outras pessoas.

Assim, em conformidade com o mito de origem, os Ikpeng surgiram do fundo do rio.

2. O ATUAL TERRITÓRIO IKPENG



Fig. 01 – Título - Vista aérea da Aldeia Moygu 2021
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT.



Fig. 02 – Título - Festa moyngo Aldeia Moygu 2021
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT



Fig. 03 – Título - Festa moyngo Aldeia Moygu 2021
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT

O Parque Indígena do Xingu (PIX) atual terra indígena do Xingu (TIX) possui um território composto de 2.825.470 hectares, constituído pelas áreas adjacentes das terras indígenas. Parque Indígena do Xingu (com 2.642.003 hectares), Batovi (5.159 ha), Wawi (150.328 ha) e Pequizal do Naruvôtu (27.980 ha.), onde é compartilhada a mesma gestão político-administrativa (VILLAS BÔAS, 1970).

O PIX possui uma área equivalente ao estado do Alagoas-AL, ele ocorre em parte dos municípios do Mato grosso em Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Ubiratã e Marcelândia (VILLAS BÔAS, 1970).

O Parque Indígena do Xingu, abriga várias etnias indígenas sendo atualmente 16 povos (PAGLIARO et.al., 2005). O PIX foi a primeira grande terra indígena reconhecida no Brasil, estando localizada praticamente no centro geográfico do país, em uma região de transposição dos biomas Amazônico e Cerrado. Possui uma alta biodiversidade e uma forma original de socio diversidade da Amazônia. Desta forma, pode-se destacar que cada povo presente no Xingu possui um acúmulo de conhecimentos sobre os recursos da natureza e processos para modificá-la em seu favor.



Atualmente Ikpeng mora na região do médio Xingu distribuídas entre seis aldeias Moygu , Arayo , Pavuru , Tupara Paranoa, Kurure e Rawo. Estes estão divididos entre locais da aldeia no Parque Indígena do Xingu no Brasil central. Uma área de 26.420 km² de floresta de transição em meio a uma extensa rede de rios e lagos inundados sazonalmente, compartilhados com quinze outros povos ameríndios (FRANCHETTO, HECKENBERGER 2001).

Grande parte das terras indígenas nos últimos anos, tem sofrido com os impactos gerados pelos avanços da agricultura, que tem causado esgotamento de recursos naturais, sendo esses indispensáveis para sobrevivência espiritual e física dos povos indígenas (BRITO, CANDITO, 2014). Com a modernização do campo e produção em alto escala houve disseminação de novas culturas de produção agrícola, que tem causado na região um impacto negativo, quando se pensa na sustentabilidade dos modos de vida dos povos indígenas.

No começo, a vida no Xingu não foi boa, houve muita reclamação por parte de todos. Lá ocorreram muitas mortes e faltavam muitos dos recursos que se utilizavam na vida cultural, para o artesanato, para fazer festas, alimentação e remédios. No início a adaptação à nova realidade foi difícil, cinco mortes ocorreram, sendo que três foram causadas por doenças do contato. Neste período, longe de suas terras tradicionais e de suas roças, ficaram na dependência de obter alimentos dos grupos que já habitavam as redondezas do posto Leonardo Villas Boas no alto Xingu , que passam a lhes fornecer alimentos, muitas vezes da pior qualidade, situação humilhante para os grandes guerreiros do passado (Menget, 2001).

O antropólogo Patrick Menget iniciou seu levantamento etnográfico junto com meu povo Ikpeng desde sua transferência para o Xingu e acompanhou o difícil período de adaptação do grupo a esta nova realidade. Na chegada, as famílias acabaram sendo separadas em diferentes aldeias, devido à precária estrutura montada para receber 30 pessoas desaldeados. Isto fez com que passassem por um período muito ruim, ficando totalmente dependentes de seus antigos inimigos, tendo que aceitar várias situações de constrangimento por estarem em terras que não lhes pertenciam, e até consentir o relacionamento de suas mulheres com os homens dos outros grupos. Esta situação de total desconforto fez com que no período entre 1967 a 1969, não se registrasse nenhum nascimento (MENGET, 2001).



Em 1968 o grupo é novamente reunido, constroem próximo ao Posto Leonardo uma nova aldeia, fazem sua primeira roça de mandioca e milho que começam a colher já em 1969. Há uma revitalização cultural do grupo, dando-se início às festas tradicionais. Mesmo demonstrando estarem mais bem adaptados a esta nova vida, sempre eram subjugados pelos seus vizinhos. Contam que os índios xinguanos sempre vinham pedir parte da produção de suas roças, como se estivessem sempre requerendo um tipo de pagamento pelo período em que apoiaram o grupo na época da transferência.

Nós os Ikpeng, inconformados com tal situação começamos a organizar uma “fuga” para um local mais distante de seus vizinhos, descendo o rio Xingu até passarem a confluência do Ronuro, estando mais próximos de seu antigo território. Assim, Karaiwá Ikpeng, Ogota Ikpeng e Maktanpo Ikpeng (já falecido) saíram da aldeia do Posto Leonardo para procurarem o lugar para construir a nova aldeia. Esta iniciativa foi em total sigilo, toda a comunidade compartilhou deste segredo, dizendo apenas que eles haviam saído para pescar, quando indagados por outros grupos. Acabaram descobrindo uma grande mancha de terra preta na região do atual Posto Pavuru, fato que veio a propiciar a abertura de uma roça para a comunidade em 1974 (data provável). A mudança dos Ikpeng para esta nova área só se efetivou em 1976.

Os anciãos relatam, que a partir desse momento, meu povo passou a receber o apoio mais direto do administrador da FUNAI responsável pela Terra Indígena do Xingu. Começaram a abrir as roças com vistas a obter os alimentos indispensáveis a sua sobrevivência. Os anos se passaram, meu povo começou a receber muita pressão dos outros povos indígenas habitantes do Xingu. Por conta disso, a FUNAI fez mais uma vez mudar e organizar na abertura da nova aldeia.

Então mudaram para os arredores do Posto Indígena Pavuru. Contavam com aproximadamente 67 pessoas isso aconteceu em meados da década de 1970. Atualmente continuamos instalados no médio Xingu município de Feliz Natal-MT. População é de aproximadamente 620 pessoas, conforme censo demográfico da (UNIFESP 2019), distribuídas entre o Ctl da FUNAI e seis aldeias: Moygu, a principal e mais populosa e Tupara Segunda aldeia populosa, Arayo, Rawo, Paranoa e Kurure são novas aldeias criadas.

3. O TERRITÓRIO DO JATOBÁ



Fig. 04 – Título - Casa Ikpeng
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT



Fig. 05 – Título - Aldeia IKPENG na margem do rio Jatobá
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT



Fig. 06 – Título - Avião sobrevoando região Jatobá
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT



Fig. 07 – Título - Jovens Ikpeng, com Orlando Villas Boas
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL
PAVURU. Feliz Natal – MT



A região do rio Jatobá já vem sendo visitada pelo meu povo depois de muito tempo, após transferência desde 2002, quando foi realizada a primeira expedição de reconhecimento de seu antigo território, após 36 anos de espera, desde a transferência deste povo para o Parque do Xingu, em 1967. Os principais recursos naturais vêm sendo pesquisados desde então, além dos seus aspectos relacionados à geografia e as antigas ocupações dos Ikpeng (Associação Moyngu Comunidade Ikpeng, 2003). Outras expedições de reconhecimento foram realizadas desde esta data, em outubro de 2006 e junho de 2008, como parte das atividades para a realização e identificação da Terra Indígena Roro walu Ikpeng, foram realizadas também expedições para a região do alto rio Ronuro, em novembro de 2006 e agosto de 2007. Além destas expedições de reconhecimento da região, foram ainda realizadas duas caçadas para a festa Moyngo, em novembro de 2005 e agosto de 2008, com a participação de várias pessoas da comunidade Ikpeng da Aldeia Moygu. Isto também demonstra a determinação deste povo em reaver o antigo território.

A região do rio Jatobá era tradicionalmente ocupada pelo meu povo até 1967, quando então foram transferidos para o atual Terra Indígena do Xingu. Esta mudança foi promovida pela administração indigenista na época com o intuito de proteger sua integridade física, pois haviam vários riscos à sobrevivência do meu povo. As regiões aonde moravam como rio Jatobá e do rio Ronuro vem sendo demasiadamente ameaçadas pela ação de corte de madeira, agricultura e pecuária, poluição dos rios e de alguns dos principais córregos.

As principais atividades econômicas na região se concentram na pecuária, na extração de madeiras, no cultivo da soja, do milho, do algodão e do arroz de sequeiro, este também utilizado em sistema “barreirão” para reforma de pasto. O desenvolvimento das atividades econômicas, a exploração dos recursos naturais e o uso da terra vêm se expandindo sobre o entorno do Parque Indígena do Xingu a maioria destes desmatamentos estão localizados nas áreas adjacentes ao complexo lacustre do Tarik Yegun, a principal área reivindicada pelos Ikpeng, no rio Jatobá (Roro walu na língua Ikpeng).



Segundo os anciões a região do rio Jatobá ficou conhecida durante uma caçada para a festa do wagi, um ancião Ikpeng que era dono da festa Moyngo naquela ocasião este fato provocou a mudança do grupo, da área do rio Ronuro, para próximo ao complexo lacustre do Tarik yegun, a mais de duas centenas de anos, mesmo que ainda permanecesse sendo utilizada como área de caça, coleta ou perambulação.

Na região do Jatobá estão yotxin (cerrado), akyun (floresta meio alta da terra vermelha), iruktowowon (floresta alta da terra preta), wotxi (campo), itwarĩ (mato do córrego), yumpitu (várzea). Era no iruktowowon (floresta em terra preta) onde plantava-se milho, inhame, mangarito, cará, araruta, abóbora. Já o akyun (terra vermelha) era o mais importante para o plantio de vários tipos de mandioca, assim como o ematxun (terra arenosa). Atualmente o território Jatobá está hoje ocupado por lavouras de grãos, especialmente pela soja, além da pecuária de corte, abrangendo cerca de 50 propriedades rurais.

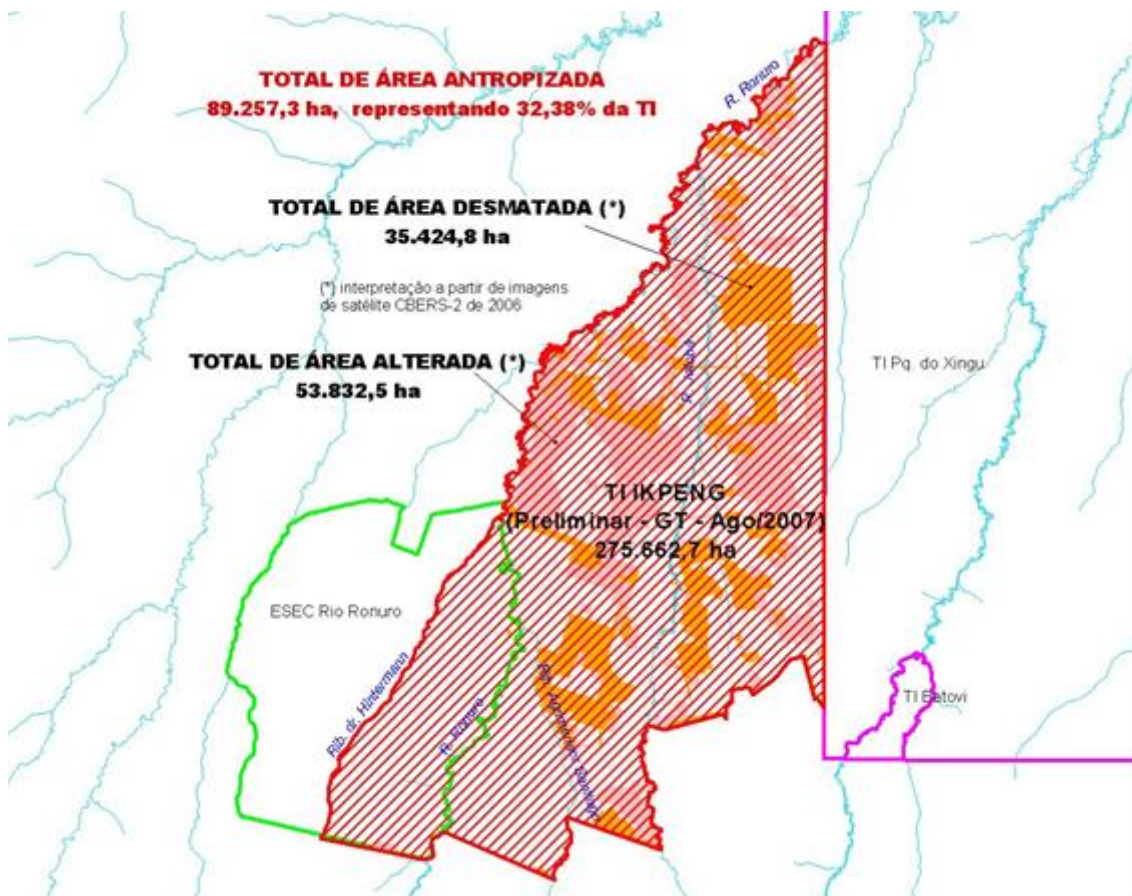


Fig 08 - Mapa da TI Roro Walu Ikpeng, com o total de área alterada e desmatada, até 2006. É observado a ESEC Rio Ronuro a oeste e o Parque do Xingu a leste.



4. AS MARCAS DA TRANSFERÊNCIA DOS IKPENG

A seguir apresento algumas narrativas produzidas, em específico por antropólogos e outros estudiosos, sobre a transferência dos Ikpeng para a região do Xingu, com o propósito de análise em relação as narrativas produzidas pelos anciãos Ikpeng que participaram do deslocamento da região do Rio Jatobá até o Parque Indígena do Xingu. Foi analisado, também o documentário de 2007, *Piriripó meu primeiro contato* do acervo da Casa de Cultura Mawo no CTL PAVURU, que possui uma hora de duração.

Os Ikpeng, alto denominados Txicão, são falantes de língua materna da Família linguística Karib. Originários do Amazonas (Pule), fizeram uma trajetória muito grande, desde tempos imemoriais até os dias de hoje. Os anciãos contam que no passado os Ikpeng eram nômades. Seus antepassados migravam constantemente em busca de lugares com mais disponibilidade de produtos naturais necessários à alimentação do seu povo, produtos nativos para a confecção de artesanatos, ou até mesmo em função de disputas territoriais com outros povos ainda de acordo com o relato dos anciãos, seguiram o itinerário dos rios Tapajós em terras amazonenses, passando pelos rios Iriri e Teles Pires até chegar finalmente em terras mato-grossenses

Magalhães (2011, 16) afirma que há pesquisadores (as) que sustentam que os Ikpeng, no decorrer dos séculos 19 e 20, ocuparam vastos territórios que se estendiam do rio Iriri ao Alto Xingu. Neste caminho, tiveram que enfrentar diferentes obstáculos. Nossos ancestrais Ikpeng se depararam com os perigos impostos pela própria natureza, tais como atravessar terrenos íngremes, enfrentar a ferocidade dos animais selvagens e as guerras inevitáveis quando encontravam com outros povos. Estes obstáculos fizeram com que a população Ikpeng diminuísse.

Os autores afirmam que o contato com povos indígenas diferentes proporcionou aos Ikpeng muitas coisas boas, pois sabemos que cada povo tem sua língua, cultura, crença e organização social próprias e, em situação de contato acaba por exercer influências inevitáveis no modo de vida de outros povos. Foi por conta deste contato, relatam os anciãos, que os Ikpeng aprenderam a arte da tecelagem, que se tornou em uma prática cultural incorporada ao seu modo de vida.



O povo Ikpeng é um povo guerreiro, pois, atacavam com frequência as aldeias de outros povos para roubar panelas de cerâmica e outros utensílios e para raptar crianças.

As constantes migrações que os antepassados Ikpeng fizeram, segundo o relato dos anciãos, tiveram como referência dos deslocamentos o percurso dos rios Batovi, Jatobá (Rapyo Akpo) e o rio Ronuro (Roro Walu). Foram frequentes os encontros (guerras) com outros povos indígenas, tais como os Waura, Mehinaku, Nafukua, Trumai e Bakairi, que habitavam o sul da Terra Indígena Xingu - TIX. Ainda em conformidade com o relato dos anciãos, foi lá pelos meados da década de 1950 que aconteceu uma das últimas e definitivas guerras contra os Waura. Nesta contenda foram raptadas duas crianças, Kamiru Waura e Txialu Waura. Em represália pelas agressões sofridas, os Waura retrucaram com armas de fogo obtidas de um aventureiro. Doze Ikpeng foram mortos. O objetivo do ataque dos Waura consistia no resgate das duas garotas. Porém, os Waura não conseguiram lograr êxito em seu intento. As meninas se integraram definitivamente aos Ikpeng. (MAGALHÃES, 2011, p.14).

Meu povo de denominação na época Txikão, apelido dados pelos Bakairi. Atualmente autodenominado Ikpeng, conhecido como um grupo hostil e arredio, de filiação linguística não identificada na época pelos não índios. Atualmente falante de tronco linguístico Karib. Habitando na época região compreendida entre os cursos médios dos rios Batovi e Jatobá. Temidos pelos xinguanos, principalmente por aqueles que eram mais próximos, como os Waurá e Mehináku, nas margens dos rios Batovi e Kurisevo.

Os Ikpeng eram temidos porque há alguns anos atacava as aldeias, incendiando as casas, flechando integrantes de outras etnias e roubando mulheres e crianças, essa notícias chegavam nas aldeias das outras etnias do Xingu, isso causava pânico nas comunidades. Os brancos tinham observados o estado de tensão permanente entre seus habitantes do Xingu na época, motivado pelos frequentes assaltos dos Txikão, isso era frequentes no alto Xingu todos os povos do alto Xingu tinham medo de que suas aldeias fossem atacadas pelo meu povo.

O nome Txikão é apelido dado inicialmente pelos Bakairi, enquanto eram desconhecidos e posteriormente difundido para o Alto Xingu, todos falavam eram os Txikão que estavam atacando as aldeias Waura e Mehinaku. Os brancos não sabiam o nome verdadeiro do Txikão, nessa época as etnias do alto Xingu já tinham contato



com sertanistas irmãos Villas-Bôas. Orlando Villas-Bôas e Claudio Villas-Bôas, na época do Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

Os irmãos Villas-Bôas organizaram primeira expedição pelo rio Paranatinga para ouvir os membros da etnias Bakairi sobre Txikão, os Bakairi relatavam que os Txikão eram índios bravos que moravam na margens do Ronuro e atacavam frequentemente povo Bakairi e xinguanos, segundo os Bakairi na época achavam que era o povo Kayabi seus eternos inimigos que vinha tornando a região insegura desde longo tempo, com seu assaltos as aldeias na verdade eram os Ikpeng.

Nessa época meu povo denominado Txikão tinham atacados aldeia Nafukua na margens do rio Kurisevo, a expedição do SPI encontrou aldeia dos Nafukua ,em pé de guerra, relatando que três dias antes os Txikão tinham assaltados aldeia, matando quatro homens e incendiando suas malocas, meu povo eram muito guerreiro atacavam as aldeia com frequência .

De acordo com Taffarel (2010), o contato com os irmãos Villas Boas ocorreu em 1960 no Rio Jatobá, no nordeste do Mato Grosso, nas margens desse rio. Com avanço dos garimpeiros na região, houve epidemias de doenças na comunidade. Em 1967, os Ikpeng foram transferidos para o Parque Nacional do Xingu, no Posto Leonardo Villas Boas, no alto Xingu. Na ocasião, eram 52 indivíduos, sobreviventes dos conflitos em seu território que couberam em duas balsas pequenas (TAFFAREL, 2010).



Fig. 09 – Título - Povo Ikpeng
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.

De acordo com Simões (1963) em 1952, Claudio Vilas-Boas resolvera tentar a aproximação com meu povo Ikpeng, os irmãos Villas-Boas os sertanistas diante de fatos que meu povo atacava outras etnias do alto Xingu como: Waura, Nafukua e mehinaku na região do rio Kurisevo e Batovi. Claudio Villas-Boas subiu o rio Batovi com alguns xinguanos que já tinham contados eram dois da etnia Kaiabi atualmente denominado kawaiwete que foram transferidos da região do estado do Pará para Mato Grosso.

Conforme Simões (1963) a expedição dos irmãos Villas-Boas durou 18 dias até chegarem próximo aldeia, viram uma picada recente do meu povo Ikpeng que ligava aldeia, seguiram essa picada depois de algumas horas de caminhada na trilha, encontraram um pequeno grupo com 80 pessoas desde crianças, adultos e velhos acampados nas matas. Embora ainda pouco conhecidos naquela época, sabia-se da existência de um grupo hostil que habitava a região compreendida entre os cursos médios dos rios Batovi e Jatobá. Eram frequentes as histórias aterrorizantes que os



grupos altos xinguanos relatavam aos viajantes da época sobre os ataques entre os Waurá, Mehinaku, Bakairi e Nahukua.

Antes do contato com os Villas Bôas, eles já tinham conhecido os homens brancos garimpeiros, que navegavam pelo rio Jatobá. No princípio de todos esses acontecimentos, apareceu um avião pela primeira vez sobrevoando a aldeia. Nesse sobrevoo, soltaram do avião um saco de rapadura, que o meu povo chamou de cocô do avião. O meu povo diz, segundo a visão dos anciãos, que a ideia dos Villas Bôas de trazê-los do território deles para o Xingu foi errada. Os Villas Bôas podiam ter feito o contato com eles e deixá-los por lá mesmo, porque aqui no Xingu não tem os materiais que eles usam, como concha para fazer brinco, uma árvore que servia para ponta de flecha, ervas e outros recursos preciosos para nós.

Orlando Villas-Bôas alertou que aqui no Xingu tinha de tudo, por isso que eles entraram na conversa dele e vieram para o Xingu, mas na verdade não havia nada das coisas que eles utilizavam. Os anciãos relatam que apesar de ele contatar os índios e reconhecer a área junto ao governo brasileiro, ele acostumou os índios com o paternalismo, com presentes.

Segundo Simões (1963) em 1952, houve a primeira tentativa de estabelecer um contato mais duradouro entre a sociedade envolvente com meu povo. Os responsáveis por isso foram os irmãos Villas Boas, Orlando Villas Boas e Claudio Villas Boas na época comandavam expedição. Em sua incursão ao território os Villas- Boas contaram com a importante ajuda de dois índios Juruna. Para evitar um confronto direto, pois sabiam que meu povo tinham a fama de povos guerreiros, os Villas Boas penetraram em sua região sorrateiramente. Isto provocou uma enorme confusão, obrigando-os a se retirarem sem conseguir lograr o êxito almejado, ou seja, estabelecer um contato definitivo. Porém, a resistência do meu povo durou somente até o ano de 1964. Naquele ano, os Villas Boas finalmente conseguiram estabelecer o contato definitivo tão almejado. Os anciãos relatam que a estratégia foi igual a utilizada com outros povos indígenas, à saber, para demonstrar suas pretensas intenções pacíficas e harmoniosas os Villas Boas levaram muitos presentes e agrados quando visitavam aldeia e região na época chamavam índios Txikão.

Segundo autor em 1955 nova expedição organizado pelos Villas-Boas subiu o rio Batovi para tentar mais uma vez contato com meu povo apesar de vestígio

recentes dos índios não conseguiram os sertanistas a aproximação desejada. (SIMÕES, 1963).

Segundo autor em 1964, em nova tentativa, os Villas-Boas conseguiram o desejado contato com meu povo, com a entrega de presentes para demonstrarem suas intenções pacíficas. Mais adiante, com as notícias que grupos de garimpeiros estavam rodeando e penetrando no território, com o risco de conflitos, foi resolvida a transferência para o PIX, o que veio a ocorrer em julho de 1967.

Em 1967, em função de um conflito iminente com os garimpeiros que viviam fazendo constantes incursões ao território em busca de ouro e outros metais preciosos, os irmãos Villas-Bôas perceberam na época avanços do homem brancos na região resolveram acelerar contatos de qualquer forma, até que conseguiram o contato e transferir meu povo para atual terra indígena do Xingu.

Quando foram transferidos do seu território tradicional para o Alto Xingu, havia uma população de aproximadamente 56 pessoas, entre crianças, adultos e idosos. A adaptação ao novo habitat foi difícil, pois dependiam dos povos do alto Xingu, foi na fase inicial no novo lugar, os auxílios de outras etnias do alto Xingu para a obtenção de alimentos, devido ao lugar ser totalmente desconhecido. (MENGET, 2001).



Fig. 10 e 11 - Chegada dos Ikpeng no Parque Indígena do Xingu.
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.



Fig.12 - Chegada na boca do rio Tutuari - Parque Nacional do Xingu.
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.



Fig. 13 e 14 – Chegada dos Ikepeng no Parque Indígena do Xingu.
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.

Para Galvão e Simões (1965) na época da chegada ao Parque Nacional do Xingu, meu povo era constituído de quarenta pessoas: oito mulheres e trinta e dois homens. Antes do contato, a aldeia localizava-se fora dos limites do Parque Indígena do Xingu e, em 1965, o povo foi transferido para dentro destes limites, mais especificamente para as proximidades do Posto Indígena Leonardo Vilas-Boas.



ORORIKE IKPENG –. Eu não vou dizer que foi meu pai Papru Ikpeng que aceitou a transferência foi eu que foi convencer a tira rede dele na hora ele falou estamos indo lá onde moram os nossos inimigos eu não vou, vou ficar aqui podem ir, minha terra aqui, minha terra meu pai chorava ninguém o viu choro dele, todos já estavam no barco, papai temos que ir estão nos chamando eu vou desarmar sua rede, fui eu que desarme a rede dele, estamos indo para lugar com quem brigamos, vocês vão se arrepender ele disse, quando eu chegar lá eu vou morrer ele já sabia. (Recorte de depoimento do documentário “Pĩrinop meu primeiro contato”, Casa da Cultura Mawo, 2007).

A aldeia Ikpeng sobrevoada e fotografada em 1958-59 estava localizada a cerca de 1km da margem esquerda do Rio Batovi. Compreendia uma única casa comunal no centro de uma grande clareira de roças onde partiam diversas trilhas ligando-a à margem do Rio Batovi e as roças. A casa de forma semelhantes a maloca alto Xinguana.



Fig. 15 - Aldeia Ikpeng – margem esquerda do rio Batovi, 1958-1959.
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.

Num voo de rotina, sobrevoando a aldeia, realizado a 16 de outubro de 1964 Orlando e Claudio Vilas-Boas localizaram na margem direita do rio Jatobá, afluente do rio Ronuro, uma nova aldeia indígena a qual identificaram facilmente como Txikão visto como sua semelhança com aquela do Batovi anteriormente sobrevoada por eles e pelo pessoal do SPI, e da South America Indian Mission a aldeia Txikao estava situada perto da margem direita do rio Jatobá.

Foi encontrado uma várzea, distante uns 4 km da aldeia, escolhida como local de pouso. Claudio Villas-Boas e os pilotos Timóteo (SUL-UNB) e Gerânio (FBC) efetuaram a primeira descida. A seguir como os Txikão não apareceram foi preparado

o terreno para futuro pouso. No dia seguinte, lideradas pelos irmãos Vilas-Boas duas turmas, compostas pelos pilotos acima referidos, o documentarista Jesko Puttkamer, Leopoldo da Belgica, Eduardo Galvao o índio Pioni e trabalhador.



Fig.16 e 17 - Jatobá em 1964 - Claudio Villas-Boas
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.



Fig.18 - IGPA JESCO Jatobá em 1964. Claudio Villa-Boas e Orlando Villas-Boas dando presentes para os Ikpeng.
Acervo: Arquivo Associação Indígena Moygu, comunidade Ikpeng. CTL PAVURU.
Feliz Natal – MT.



5. A VOZ DOS ANCIÃOS IKPENG

A seguir vou reproduzir a narrativa realizada pelos anciãos sobre a transferência do povo Ikpeng para o Parque Indígena do Xingu. A narrativa, embora seja uma citação não será colocada em recuo, mas uma escrita textual incorporada a dissertação. Foram entrevistados três grandes bibliotecas da cultura e da história do povo Ikpeng Oyope Txicao (78 anos), Kampot Ikpeng (76 anos) e Yakuma (65 anos).

ANCIAO OYOPE TXICAO ,78 anos, aldeia Kurure

Segundo ancião OYOPE TXICAO, antes dos contatos com homem branco (tupi) os Waura nos atacou, atacaram, nossa aldeia, eles queria pega as a filhas deles que a gente tinha raptado na aldeia deles, então eles vieram tenta resgata, com medo deles refugiamos para outra lugar seguindo a margem do rio Jatobá e acabamos ficando no Pyengi Ampo (lagoa) subimos o rio ,todo por conta dos ataques dos Waura, ficamos muito tempo nesse lugar, desse lugar depois de muito tempo senhor Papru pediu que mudássemos de lugar para outro, para margem do rio Ronuro (Rakpyu akpo) podemos fica abrir nossa aldeia, esse lugar tinha bastante Mĩritko ,(mosquito) lá podemos produzir bastante alimento,só não tem bastante caça e pescar, a senhora Mengkiwo , discordou da ideia do Papru de mudar para essa região temos que volta para rio Jatobá Tarikeygun (lagoa dos peixinhos) lá vamos ter fartura de peixes, e seguimos caminho de volta ,seguimos o mesmo caminho até chegar nossa antiga aldeia, aldeia que fomos atacado pelos Wuaras ,ficamos bom tempo nesse aldeia, depois seguimos o rio jatobá até chegar Tarikeygun nesse local que o avião fez primeiro sobre voo na nossa aldeia.

Antigamente não havia homem branco, era tão bom sem eles, foram eles que nos procuram, eles apareceram primeiro no ar passaram lá por cima. De repente começamos a ouvir um barulho que parecia vindo de fundo da terra, o avião (ĩrin keni) sobrevoou nossa aldeia, nós achávamos que era um espírito sobrevoando nossa aldeia. Todos pegaram fechas e saíram para fora para tentar fechar o avião, nós



lançamos nossas flechas mais não pegava no avião, ele era rápido, flecha não alcançava.

Todos pediam para todos entrarem de volta para casa, entrarem logo eles gritavam entrem logo ele está sugando a nossa alma isso quer dizer que iríamos todos morrer, parecia uma guerra todo mundo gritavam e choravam para lá para cá, der repente saiu um coisa do avião todos falaram eles fez coco ele fez coco ! O coco do avião caiu em cima de um pau na roça, e se espatifou, ficamos com medo sem conseguir dormir, isso é estranho deve ser espírito, eles tinham deixado rapadura na mata ainda, não tínhamos levado para aldeia, para casa.

Voltou de novo sobre voar a aldeia, dessa vez usavam Makai(cabaça) instrumento sagrado para espantar o avião, falavam vá embora com Makai, viram que tinha soltado alguma coisa e caiu , quando, pegaram e falaram coisa do Tupi os branco (por causa do arma de fogo) e chamado de tupi, ele passava bem baixo ,e jogou revista a gente olhou e disse, sabe que tem homem branco careca, de cabelos brancos de óculos e de dentaduras e isso e imagem deles, será que são ele que estão vindo no avião, e todos falaram que são eles mesmo que estão vindo com esse avião, depois de vários sobre voo eles conseguiram aproximar da nossa aldeia pelo rio e pousaram em dois avião campo (Wotxi), quando avião sobre voo por cima da nossa aldeia, indo para direção do campo a gente se escondemos para não ser visto, ele deu volta, bem baixo e vimos que ele tinha pousado no campo, vimos primeiro avião pousa e depois logo atrás veio outro avião e pousou no campo, ficamos em silencio todos agachados na mata na beira do campo aonde avião pousou, ai eu falei, o que vamos fazer? Guerrear ou fazer a paz? Vamos fazer a paz eu diz, vamos fazer a paz para pegar os facões se eles tentarem nos atacar, nos também atacamos eles. Eles gritavam e até que nos também respondemos eles gritando. Eles aproximaram, os brancos começaram a gritar, acho que era para a gente responder, então pensamos vamos gritar, gritamos todos juntos, era o Orlando Villas Boas que gritava, eles viam a nossa direção aonde a gente ficou escondidos, ele veio com braços levantados com presentes e depois eles nos chamaram venham eu pensei que ele ia aperta no meu pescoço e me mata, Claudio e Orlando eram irmão foram eles que estavam no avião, o FUFURA ficou perto do avião fumando e filmando ele filmava com uma câmera igual como tem hoje, trocamos presentes demos nossos fechas arco, cocar enfeites para pega facão, bacia ,espelho, anzóis machados, era muitas



coisas as nossas mulheres também ganharam presentes trocaram com eles, Orlando e Claudio que entregavam presentes e eles também recebia presentes.

Orlando sem camisa, ele ganhou colar dente de capivara cocar e enfeites, foi todo rápido, eles pegaram todos que era da gente, em troca das coisas que ele trouxe para nós naquele dia, ganhamos muitas coisas depois de algumas horas depois eles foram embora a direção do posto Leonardo Villas Boas, a gente não entendia o que eles falavam, mais quando entregavam facão, machado e outras coisas eles ensinavam como usar. Foi assustador, mas tivemos coragem também, não sei se eles entrariam em contato como foi com a gente, se nossos guerreiros estivessem vivos ainda, eles eram muito bravos, guerreiros, esses guerreiros foram mortos, no ataque dos Waura, foram mortos pela arma de fogo.

Uma semana depois vieram pelo rio os brancos aventureiros, garimpeiros, a gente tentou falar com eles, mas não deixaram, a gente foi atrás deles, só que eles foram mais rápidos, a gente tentava falar com eles para pega facão anzóis etc. Não conseguíamos, mas ficar em paz. A visita deles eram frequentes na nossa região, próximo nossa aldeia, eles nos passaram doenças, ficamos cobertos de feridas dessa doença que, esposa do senhor Maktanpo Rĩnkawo morreu, foram os garimpeiros que passou para nós, os garimpeiros começaram a mexer com as nossas mulheres em troca elas recebiam roupas, pensávamos que eles faziam parte dos grupos do Orlando por isso que não os matamos, se eles fossem antes da chegada do Orlando nos matamos.

Tupi brancos, nós matamos dois lá do rio Batovi, quando chegaram lá, mataram. Como Orlando sabia que os invasores estavam avançando a nossa aldeia, ele tinham medo e nos transferiram, nós estávamos muito magros Orlando viu a gente nessa situação pensou, voltaram pelo rio instalaram acampamento perto da nossa aldeia, no outro lado da margem do rio Jatobá, ficaram um mês mais ou menos montando estratégia de nos transferir para outro lugar, para Leonardo. Eles estalaram rádio amador no acampamento deles, para comunicarem com outro, ficaram no posto Leonardo, ficaram muito tempo organizando, enquanto eles ficaram lá a gente ia lá sempre para acampamento montado por eles. Orlando tinha uma fala boa, nós acreditamos nele. Orlando dizia lá no Xingu, vocês vão casar com pessoas das outras



tribos, vocês vão se misturar, vocês brigam porque não se conhecem, nós vamos ajudar vocês a fazer as pazes com outros povos, disse Orlando e Claudio.

Se entendêssemos o português como a geração nova agora, não teríamos aceitos o convite deles. Falaram para nós que amanhã vem um barco, buscar vocês, nos disseram. Eles se comunicavam pelo rádio amador que estava instalado no acampamento deles, próximo nossa aldeia. Ele dizia para barco subir, logo informaram que barco já tinha subido, era uma balsa, depois de oito dias a bolsa chegou na aldeia.

Foi o Wagi que nos convenceu a vir, nós éramos liderados pelo Wagi ele era liderança, cacique nosso, ele não era tímido então os brancos decidiram para ele ser cacique dos Ikpeng.

O Wagi é que ficava sempre junto com eles e aprendeu a língua portuguesa primeiro, só ele entendia língua deles, o Wagi nos dizia eles nos vão levar, nosso transporte já tinha saído do posto Leonardo, para não atrapalhar na viagem senhora Aire deixou todas as coisas que tinha ganhado do Orlando Villas Boas na aldeia, ela dizia que lá vamos apreender a fabricar essas coisas.

Nesse barco veio roupas de brancos, calças de brancos e chapéu e começaram a vestir a gente de roupas e calças, todos logo retiraram suas redes, nós aceitamos imediatamente a transferência.

Não foi fácil chegar no local desconhecido, não tínhamos ideia o que estavam planejando para receber a gente, não tínhamos noção para aonde estavam levando nós, sabíamos que estávamos descendo o rio mais, por que estávamos indo, foram brancos que organizaram todo isso, quando chegamos no posto Leonardo, vimos bastante gente um grupo de diferentes etnias do alto Xingu, ele tem mesma cultura mesma danças, não deu para identificar na hora mais, com tempo fomos sabendo de qual etnias eram tantas pessoas nossa chegada.

Quando chegamos, Orlando e Cláudio levou nós para uma pequena casa que ficava no posto, lá ficamos, depois de alguns dias, fomos para aldeia de cada um desses povos atrás de comida, não tínhamos roças ainda, não conhecíamos ainda a região na época, depois alguns tempos, reunimos de novo e Orlando e Claudio indicou local para nós abrir nossa aldeia, e construir nossa casa, e abrir roças, próximo posto



Leonardo, não foi fácil nos primeiros meses no Xingu. No alto Xingu, começamos organizar nossa aldeia com roça e casa, isso depois de alguns meses, conhecemos a região, como mata para caçar, lagoas para pescar com o timbó e com linha de pesca.

Não tínhamos medo, fomos tomando a região do posto Leonardo, e constituímos nossa aldeia, nossa comunidade novamente, Orlando Villas-Bôas ajudou bastante nossa comunidade instalar nossa moradia, fomos juntando ramas de mandiocas e sementes para plantar nas nossa roças, depois alguns tempo realizamos nossas festa , festa de tatuagem , por que conhecíamos e adaptamos o ambiente novo lugar, houve também casamentos com etnias com povo do alto Xingu, com povo baixo Xingu, fomos conhecendo outras etnias não só do povo do alto, mais também outras, como Kayapo, Suya, Kaiabi , mais no iniciou, não foi fácil não, sofremos muito, com novo lugar, eram brancos que tomavam conta de lugar do posto Leonardo.

KAMPOT IKPENG ancião (76 anos /aldeia Moygu)

Segundo o ancião, foi do céu que homem branco apareceram pela primeira vez, eram desconhecidos não sabíamos quem estava nesse coisa barulhento por causa do barulho que chamamos de ïrĩkeni (avião) que Tupi(homem branco) apareceram, tentavam localizar nossa aldeia nas primeira tentativas, eles sobrevoavam nossa região tentando localizar nossa aldeia, eles davam voltas na nossa região depois de vários sobrevoos na nossa região não sei o que eles queriam com a gente, até que eles resolveram, mudaram de rota, antes sobrevoavam rio Ronuro e Batovi.

A gente também vivia nessas margens dos rios quando eles sobrevoava nós não morava mais nessa região tínhamos migrado para outra região, esses rio ficava na nossa região, os rios são perto do outro ,então eles sobrevoavam essas margens do rio tentando localizar nossa aldeia, mas na verdade a nossa aldeia ficavam na margem do rio Jatobá, rio bem estreito, quando eles resolveram mudar da rota porque não achavam nossa aldeia nessas margens, só assim eles localizaram nossa aldeia não foi fácil não, eles não desistiam de procurara nossa aldeia, depois vários sobrevoos.



Quando avião sobrevoou nossa aldeia pela primeira vez, quando localizaram aldeia, não tinha muita gente no dia era pouca gente, maioria estavam na caçada, eu também não estava no dia, estava nesse grupo da caçada, quando avião tinha sobrevoado nossa oca e tinha jogado rapadura, comida de homem branco, nesse primeiro sobrevoos eles tinham soltado rapadura na direção da aldeia, como ninguém conhecia na queda ela se desfez, caiu perto da oca, pessoal viu sair do avião, como ninguém sabia não tocaram na rapadura pediram, deixar no local na mata para ninguém mexer, até que Matipu (Awutu esse nome que ele recebeu do Ikpeng), voltar para eles dizer o que era aquilo que caiu do avião, pessoal tinham pensando que avião tinha feito um coco por isso que ninguém tinha tocado nela, mais a gente demorou muito tempo na mata na caçada. Nessa caçada morreram duas pessoas Otumaka e Wawa Maiua ficaram na mata mesmo.

Quando chegamos de volta para aldeia logo que chegamos na aldeia, viemos com a notícia triste para família então todo mundo chorando lamentando a morte dos dois, enquanto a gente estava lamentando a perda, ouvimos borbulho de avião vindo no rumo da nossa aldeia ele vinha bem encima foi baixando e sobreviou nossa aldeia bem baixinho, nesse sobrevoos jogou rapadura de novo, então muita gente da oca com fecha apontado para direção de avião foram lançados vários fechas mas avião era mais rápido nem um fecha pegou no avião.

Outros gritavam para ele embora e outros pegavam Makai um instrumento sagrado, que usamos somente no dia de ritual de festa, de tira luto de um família, todos assustados tentando entender o que estava vindo do céu não tinham ideia realmente o que estava acontecendo, porque avião estava voltando e sobrevoando nossa aldeia, ele deu cinco volta e foi embora, quando ele foi embora pessoal entrou na casa e ficamos sem entender da situação, coisa estranha na nossa região, enquanto isso, (AWUTU) Matipu estava deitado na rede com filha dele sem fala nada, mais na verdade só ele sabia, que era homem branco, porque no dia que ele foi raptado o povo dele já tinham contatado homem branco, por isso que ele sabia e no momento ele estava quieto porque a família das pessoas tinha acusado ele de feitiçaria, pensando que ele tinha enfeitiçado rapaz que tinham morto na caçada, essa família queriam mata ele por conta disso mais não deixaram matar ele, a família que tinha raptado ele não tinha permitido isso matar ele, na verdade não foi ele que



tinha enfeitados com feitiço foi outra pessoa que tinha feito esse mal para os dois que provocou a morte.

Enquanto o avião sobrevoava, Akipo pedia para o pai resgatar ela, chorava quem tinha raptado elas era Turipapa, as duas meninas, depois que acalmou chamaram Matipu para ver o que era aquilo que caiu de avião e perguntaram para ele se sabia, ele tinha falado para todos que quem estava no avião era homem branco tupi, gente eles ainda vão jogar mais coisas, são tupi eles sempre vão voltar. Ele querem contato com a gente eles vão jogar bastantes coisas ainda, eles sempre vão volta, e quando ele aproximou da mata aonde pessoal tinha jogado rapadura da distância, mesmo ele viu, ele já sabia o que era aquilo, quem foi quando chegou perto tocavam só com ponta de fecha para mostra para ele chegou perto ele pegou e botou na boca falou para todos que isso era comida do homem branco era rapadura, coisa doce, para comer, quando ele comeu, falou que era comida todos queriam provar, todos gostaram e começaram a comer rapadura, no outro dia avião sobrevoou dessa vez tinha jogado faquinhas, e rapadura, que Lokore tinha pegado e começaram a distribuir faquinhas para todos, isso foi na aldeia Moyotponi Ewri, nessa aldeia ele sobrevoou duas vezes.

Quando passou alguns dias líder Komoru tinha pedido para escolher líderes de trabalhador para mudar da aldeia, na qual aura e Kamatxu pediram para liderar pessoal nos trabalhos que ficaria a frente de todo como líder, e pediu para filho dele Yambra ficar junto com esses dois na liderança, na qual foi aberto nova aldeia, aldeia Aranmetponpîn, e construído uma oca com cobertura de palha de Buriti tarokem, nessa aldeia, avião voltou a sobrevoar nossa aldeia, nesse tempo estavam em período de festa, mais uma vez avião tinha soltado rapadura eles jogava no saco eram muito rapadura, Komoru tinha pegado todos, corria para pega, nessa correria cada um querendo pega primeiro Komoru tinha batido cabeça e irmão dele não gostou e discutiu com pessoal respeitar quem pega primeiro depois disso passou cinco dia e o avião voltou a sobrevoa, dessa Aptuka tinha pegado Rapadura, depois de alguns dias voltou sobrevoa e nessa vez tinha jogado TXIGRI e panelas. Tamuni tinha pegado nela, tinha anzóis depois disso passou alguns ele voltou de novo, era frequente avião sobrevoa nossa aldeia, jogava rapadura, anzóis faquinhas e outras coisas no outro sobrevoou Melobo tinha pegado. Ele foi mais rápido tinha pegado rapadura, após esse sobrevoou deram um tempo, ficou vários dias sem sobrevoar



nossa aldeia, nossa aldeia era próximo aldeia dos Waura eles viviam na margem do rio Batovi.

Nesse intervalo que avião deu pessoal localizaram aldeia Waura e viram que tinha panelas de barro, na aldeia deles, então pegaram panelas na aldeia trouxeram até nossa aldeia panelas eram grande pesados mais eles conseguiram trazer até aldeia sem quebrar, nessa ida cobra tinha picado Pomekenpo, eles sofreu muito durante a volta para aldeia com panelas, eles também tinham se perdido na mata não achavam o caminho na volta, por isso eles tinham atrasado de chegar na aldeia, nessa primeira eles abriram picadas, caminho, uma trilha com intenção de volta pega mais panelas, mais não foi isso que aconteceu eles planejavam volta para raptar filhos deles e voltaram para aldeia deles com intenção de raptar como era no tempo da chuva na época de fruta de pequi e seguiram a direção da aldeia e chegaram próxima aldeia e rezaram para crianças virem pegar fruta de pequi, essa rezar trouxe duas meninas, ele ficaram esperando na mata perto pequizal, pé de pequi escondido na mata, depois de uma hora de espera vinham duas meninas na direção deles catar pequis, quando elas aproximaram os guerreiro saíram da mata e correram atrás das meninas até conseguir pega elas, elas não conseguiu escapar as duas foi pego e levado para nossa aldeia eram duas menina Txalu e Kamiru ambos mais o menos com 9 anos de idade já eram grande.

A Kamiru foi raptada pelo Komoru, Tontu estava com Txipoya esperando criança raptada por que ela tinha perdido sua filha, como eles tinha prometido rapta criança para substituir a filha, por isso que foram captar duas crianças para dá para Tontu, quando chegaram na aldeia com as meninas todos animados por terem conseguido pegar duas meninas e substituir a filha do Tontu, não demorou muito para os pais irem atrás tenta resgatar as duas não conseguiram mais nesse conflito morreram muita gente.

Depois dessa ataque e raptar duas crianças os Waura vieram atrás delas com intenção de resgatar as duas meninas, então eles vieram com arma de fogo, quando uma pessoa foi para beira do rio viu rasto dele na beira, eles tinha tirado barro branco, ele tinha voltado e falado para todos que os inimigos estão nos rodeando nossa aldeias, só que pessoal não tinha acreditado nele, pessoal tinha falado que ele tinha visto parte genital da esposa, ele tinha respondido então vi isso, mais vocês não vão



se arrependeu quando eles mataram a gente. Pediu para todos ficarem esperto, eles estavam jogando feitiço para a gente ficar doente, quando eles jogaram feitiço, todos ficaram doentes. Aigure que morreu primeiro com feitiço, e depois morreu a filha do Aigure yampo, morreram em seguida, e depois Rekpi esposa do Ante morreu e começou espalhar e todos ficaram doentes, enquanto isso os Waura estavam rodeando nossa aldeia, preparando estratégia para atacar nossa aldeia, quando todos ficaram doentes, resolvemos deixar a aldeia, cada um refugiou-se para a mata com medo de ficar doente, todos saíram de casa às seis horas da manhã, para a mata, cada um escolheu um canto para onde ir, uma turma foi para a direção onde os inimigos estavam esperando para atacar. Quando eles saíram de casa e passaram pela ponte, foi disparado o primeiro tiro matando, eles atiravam de longe matando nosso pessoal, muita gente morreu enquanto isso Tontu estava na mata dando cobertura para quem estava na casa esperando os inimigos recuar, os que estavam na casa não tinham mais feixes, Tontu que estava na mata pediu para Karane e Yakawi sair que não tinha mais ninguém por perto, enquanto isso todos estavam na mata, com duas meninas, durante esse refúgio na mata muita gente morreu na mata com a doença feitiço que Waura fez para a gente, não deu tempo para enterrar nossos mortos, morriam e seguidamente muita gente ficou no meio do caminho, maioria morreu de doença na mata, até encontramos outros, alguns dias depois, não tínhamos mais para comer, resolvemos voltar procurar comida na aldeia, e acampamos na margem da lagoa, que outra roça próximo milho ainda não estava pronta, estávamos passando fome, era difícil sem comida, e voltamos para nossa aldeia para procurar comida, e voltamos para a aldeia, para, passou algumas semanas voltamos para ver se o milho estava pronto, não estava pronto ainda, voltamos para o acampamento, eu Karaiwa e Oyope que sempre iam visitar a roça de milho para ver se estava pronta para comer, nessa aldeia morreu Aringka e estávamos de luto e algumas semanas depois tiramos o luto, enquanto isso, aviões sobrevoavam nossa aldeia que foi atacada, até eles acharam nossa aldeia sobrevoaram e jogaram enxadas.

Conversamos e Papru tinha decidido levar pessoal para a margem do rio Ronuro, mais a maioria não concordou com ele, resolvemos seguir a margem do rio Jatobá, enquanto isso, os irmãos Villas Boas sobrevoavam nossas aldeias velhas abandonadas, nossa roça, a gente sempre estava mudando de local para outro, e mudamos para Tae egun, Wagi foi construir oca nessa região, construímos oca



Kamap Ewri, eu construir sozinho essa oca. Começamos abrir picada para nossa aldeia, nossa canoa era casca de jatobá, nossas roças eram longe e seguimos aproxima nossa roça e ficamos no Yorogri Akpo, próximo nossa roça, Papru, Wagi Maita que ficaram próximo loga Tae Egun abrir aldeia e construir oca e nós ficamos próximo lagoa, eles não tinham terminado toda a oca, mas eu tinha terminado meu trabalho.

Quando chegamos nessa região de lagoa o avião voltou a sobrevoar nossa aldeia, novamente dessa vez soltou camiseta branco, depois de alguns dia voltou sobrevoar, depois de alguns dia soltou saco com banana, semente de milho e de mamão estava garrafa, quando caiu eu flechei o saco com a minha flecha tava parecendo bicho, e soltou arroz e feijão, construímos Murilo Ewri , oca , soltou pano, agulha ,tesoura , não parava de sobrevoa nossa região nossa aldeia.

Eles cuidavam da gente só de avião perceberam que abrimos aldeia nova e construímos as nossasocas, jogaram facão, quando por último soltaram revista com retrato deles último sobrevoou. Vimos que eram gente, pessoas estavam no avião depois que os Waura atacaram nossa aldeia, que avião começou a sobrevoar nossa aldeia e começaram a seguir a gente de avião.

Orlando e Claudio sobrevoa nossa aldeia, e jogar as coisas como facão, panelas, anzóis, rapadura, revista, quando ele soltou revista que a gente tinha visto que eram eles que estavam na revista, que estava no avião, só assim que ficamos sabendo que era gente no avião, começamos a espera volta de novo sabíamos que ele ia solta alguma , eles seguiam a gente só pelo alto, quando a gente aproximou e abrimos nova aldeia, próximo campo eles sobrevoaram três vezes e pousaram no campo.

Kantawo Wompi e Wawana que estavam próximo campo fazendo cova armadilha para pega capivara, ouviram barulho de avião próximo e tinha decido no campo , quando eles chegaram no local viu rasto de pneu e mediram com varinha e viu a marca que fizeram com facão no galho também pegaram esse galho e levaram para aldeia para todos ver, que ele tinha pousado ,e resolveram volta no outro dia para ver ser ele voltava , no outro dia seguimos a direção do campo espera aonde avião tinha pousado, quando chegamos no local ouvimos barulho do avião chegar a gente sabia que ia pousa de novo e pousou no campo .



A gente ainda tinha comida como milho na roça mais essa roça estava muito distante da nossa aldeia, eles viram a gente muitos magros parecendo que estávamos passando fome, mais a gente tinha comida na roça, eles queriam ver banana, abóbora batata na roça, ele falou que eles iam cuidar da gente dando comida do homem branco, transferindo a gente foi Orlando e Cláudio que falou para a gente muda do território ele deixou recado que viria um transporte para leva nos para outra lugar.

Foi o Wagi que passou recado. Os irmão Villas boas já tinham arrumado para ele espingarda já falava um pouco de português ele foi que liderou nosso povo era nosso líder, só que Pabru não concordava com a decisão dele ele falava por que vocês estão aceitando nossa transferência eu não concordo, lá é o lugar do nosso inimigo, não vão nos receber bem, não vamos ser bem-vindo lá. Wagi dizia que estão falando que vão arrumar comida para nós comer nesse lugar que estão levando a gente.

Quando chegamos no Xingu no posto Leonardo, vimos bastante pessoas nos esperando, todos pintados enfeitados, acho que eles sabiam que estávamos chegando de balsa. Orlando já tinha informado povo do alto Xingu, sobre nossa transferência e organizou a recepção para nós.

Quando chegamos na boca do rio Tuatuari na qual o posto Leonardo estava instalado, a bolsa encostou no porto e descemos e pediram para guia que levasse a gente pelo caminho que ligava posto Leonardo a porto da boca e seguimos o caminho a pé até chegar no Leonardo, quando chegamos vimos bastante pessoas pintados, para receber nós, e seguimos direção de pessoas que estavam nos esperando, junto estava Orlando esperando por nós também, no meio do povo do alto Xingu, fomos chegando logo pessoal foram pegando nossa fechas e outras coisas que está com a gente, eram muita, depois desse momento Orlando Villas-Bôas levou para o alojamento, e ficamos lá, sem saber o que estavam planejando. Todo mundo assustado, com tanta pessoas, e fomos alojados nesse espaço por alguns dias, depois fomos convidados por algumas pessoas da etnias, ir para aldeias deles, para comer e o pessoal aceitaram ir atrás da comida, cada um foi para aldeia diferentes, depois de alguns meses reunimos de novo e abrimos aldeia, roça, começamos a plantar nossa roças com produtos, como mandioca e conhecemos melhor a região para morar, foi momento difícil nos primeiros meses no posto Leonardo.



Abrimos nossa aldeia próximo posto, a gente frequentava diariamente posto Leonardo, para ajuda Orlando e Cláudio em troca de coisas, como anzóis, rede, linha de pesca etc. Quando instalamos começamos a dominar a região, do Leonardo, depois de longo período de sofrimento, sem lugar fixo para morar e plantar e construir nossa aldeia, foi construir casa, nesse lugar tinha bastante sapé para cobertura da casa, quando construímos e abrimos primeira aldeia, realizamos ritual festa de tatuagem, nossa festa tradicional, após já instalado morreu Pabru um grande líder e pajé foi uma perda muito grande, ele era um grande líder cacique, depois Wagi também faleceu nessa aldeia não fácil para nossa comunidade, ele era como guardião para nós. Ele cuidava vigiava nosso povo contra feiticeiro que queriam fazer mal para nossos integrantes, ele sabia que entre povo do alto tinham feiticeiros que fazia mal para outro.

Não foi fácil abrir aldeia e construir casa e abrir as roças, nesse lugar, passamos por várias necessidades para adaptar novo lugar, fomos firme para que nosso povo abrisse aldeia própria para mora e construir a família nesse lugar, assim foi nossa vida nos primeiros meses e dias no alto Xingu, no posto Leonardo Villas Boas.

ANCIAO YAKUMA TXICÃO – 68 anos, Ctl Pavuru

Quando ouvimos pela primeira o avião sobrevoa nossa aldeia, que lembro até agora quando avião sobrevoa pela primeira vez nossa aldeia eu era criança mais o menos 9 anos de idade, eu estava sentado no Mingye (casa do homem) quando ouvimos barulho de avião, resto do pessoal da aldeia tinha ido bater timbor na lagoa, avião veio bem alto até baixar, quando sobrevoa bem baixo minha tia me chamou e me levou fora da casa para me esconder do avião, para não ver nós, era algo estranho depois de sobrevoa bem baixo ele soltou rapadura, os guerreiro que estavam na aldeia, tentavam fecha avião eles falavam que ele saiu do fundo rio, eles saíam da casa e lançavam fecha na direção da avião só que não pegava no avião, eles lançavam fecha e entravam para casa, até que soltou rapadura, viram que tinha soltado alguma coisa, falaram, fez coco, meu pai tinha levado meu irmão e minha irmã junto, eu tinha ficado com outra irmã essa que está viva ainda, meu pai tinha me



deixado por que estava dormindo ainda, só por isso que fiquei na aldeia com minha irmã, por isso que vi avião pela primeira vez, avião não sobrevoava, direto levava muitos dias para avião sobre voa nossa aldeia, os que estavam na lagoa batendo timbó também tinham ouvido barulho do avião sobre voa nossa aldeia, eles voltaram e perguntaram e quem ficaram na aldeia começaram a comentar o que tinha acontecido, o algo barulhento tinha sobrevoado nossa aldeia irinkeni (avião) depois de vários sobrevoos, abriram nova aldeia e construíram casa nova no local, nessa aldeia nova que, os Waura atacaram nossa aldeia, mataram muita gente, nessa ataque mataram meu pai, Kumare e meu tio Pomekenpo eles eram guerreiros não tinham medo de morte, eles foram mortos pelo arma do fogo, povo do alto Xingu já tinham contato com homem branco por isso eles, foram com homem branco até nosso povo com intenção de acabar com a gente e resgatar duas meninas que foram captados nas ataques nas aldeias deles, por isso que eles foram com homem branco, mataram muita gente, mais não conseguiram resgatar.

Nesse ataque eu fui levado pela minha prima, saímos pelo canto da casa, me carregou no colo e correu para dentro da mata comigo, outros também conseguiram escapar para mata, eu vi meu pai morrer, isso até agora lembro desse ataque.

Construíram casa para festa, era pra eu fazer tatuagem mas eu me esconder nesse momento, na mata, não conseguiram me achar, só Ogota tinha feito tatuagem nessa festa isso eu lembro até agora, me arrependo eu ter negado e me escondido, só na outra festa que fiz tatuagem.

Ficamos juntos até que nos separamos, nos liderado pelo Karane já falecido abriu roça e abriu local da aldeia e construíram casa para nós ficar, enquanto outros foram para outra direção. Nesse local ele sobrevoou de novo e quando jogou camisetas, eles nos seguiam de avião eles sabiam de nossas aldeias, a gente mudava da aldeia, eles estavam nos seguindo, a gente ficava atento esperava que qualquer momento avião sobrevoaria nossa aldeia, até que eles jogaram revista, e viram que eram gente diferentes, chamaram de tupi (homem branco) são tupi, eles jogaram retrato deles para dizer que são gente no avião, ficamos preparados para ver o que iria acontecer, o que eles estavam querendo com nós, por que eles estavam jogando muita coisa para nós, pessoal gostava das coisas que eles soltavam, eles falavam



que eles, querem arrumar as coisas para nós que, estávamos precisando como facão, machado.

Quando não tínhamos mais comida, nos separamos, outras turmas foram para outra direção e nossa para outra direção. Quando avião pousou no campo demorou para abrir pista no campo, para posar com Orlando. Avião sobrevoava nossa aldeia, eles nos seguiam pelo alto, eram Orlando e Claudio nos seguindo tentando entrar contato conosco, até que eles conseguiram entrar contato com a gente, depois de várias tentativas pelo alto, não sei por que, tanto esse interesse na gente.

Depois de alguns dias, de ter contato com Claudio e Orlando apareceram de canoa os garimpeiros, homem branco diferente estranho eles com cabelo grande, barba grande eram estranhos, eles ficaram seguindo nos pelo rio, até que nos resolveram pega canoa deles, lá para cima tinha uma cachoeira que eles não passaria com canoa deles prevalente deixariam canoa na pedra, seguimos eles até na pedra, eles deixava canoa no fundo do rio, mas a gente pegou uma canoa que a gente encontrou, eles seguiam a gente, e nos seguiam eles, também, os guerreiros queriam mata eles, mas Wagi não deixou, Wagi dizia que eles eram amigos dos Orlando e Claudio, na verdade não eram não, eram garimpeiros.

Esses garimpeiros namoravam com mulher em troca de coisas, a gente seguiam eles pela margem do rio jatobá, eles de canoa e nos pelo terra, não sei por que nos seguia eles, eles também seguiam a gente, eles tinham interesse na nossa terra mesmo, cada mês mas chegavam, com muita canoa, mas gente, eles já estavam montando acampamentos deles, não sei o que eles estavam planejando fazer com a gente, nós só queria canoa deles e coisas deles como facão, machado e outros.

Pegamos doenças deles quase todos morreram por causa da doença que eles transmitiram para nós, não sabíamos na época língua deles, língua português, só comunicamos pelo gestos, as vezes eles arrumavam as coisas, as vezes não, não, só queriam namora com mulheres, enquanto outras turmas estavam seguindo eles, outros estavam voltando para aldeia, e quando chegaram na aldeia, a turma do Orlando e Claudio já estavam montando acampamento deles, na margem do rio jatobá, quando chegaram eles já estavam, no acampamento, eles já estavam com rádio amador comunicando com na época posto Leonardo, eles já estavam com



estratégia de leva a gente para posto Leonardo, levou tempo por que não tiveram logo contato com agente.

A intenção do Orlando era leva nós para alto Xingu, juntar com eles, e ele demarcar território para todo mundo viver no mesmo território, ele só conseguiu porque estávamos com grupo bem reduzido, os guerreiros foram mortos no ataque dos Waura, foram homem branco que foram junto que mataram metade do nosso povo, só por isso que eles nos encontraram bem pouca gente,

Eu estava junto com essa turma que que seguiu o rio atrás dos garimpeiros outras turmas já estavam na aldeia e já pensando ir junto com Claudio. Wgi já começou fala português. Foi ele que aprendeu a falar português primeiro. Ele que era liderança, liderava nosso povo nessa transferência ele que convenceu todo mundo a se mudar para alto Xingu, convenceu que lá seria outro lugar, mais não imaginava que eles estavam levando nós para lugar que já tinha gente, e já com muito tempo de contato e ainda aldeia dos nossos inimigos, povos que nos atacavam, era bem arriscado mesmo, Orlando e Cláudio dizia que lá estaríamos mais seguro do que aqui no jatobá nossa terra tradicional, lá não faltaria ferramentas para nós, e outras coisas, eles arrumaram camisa de manga longa branca, calça branca e chapéu de palha, para viagem que durou seis dias, foi de balsa até chegar posto Leonardo fomos recepcionado pelos nossos inimigos

Demorou um ano para Orlando, Cláudio e a equipe conseguir convencer nós a mudar para outra região, eles estudaram bastante. A gente não sabia o que estavam planejando, via rádio amador, que instalaram no acampamento.

Eu na época estava observando o movimento dos meus tios Yakawi e Karane e demais conversando sobre possível transferência, eles comentavam, eu ficava só ouvindo não sabia o que realmente viria acontecer com meu povo, eu ia todos os dias no acampamento montado na margem esquerda do rio Jatobá próxima da nossa aldeia, depois de alguns meses que avisaram todos que o barco estava subindo para buscar a gente para leva para região do alto Xingu, bem muito longe da atual aldeia Jatobá.

Enquanto eles estavam acampados arrumavam muitas coisas como facão, machado, lanterna, rede, coberta, panelas e demais outras coisas, como eles estavam



muito tempo acampados, a estratégia deles estava começando dá certo, convenceram o nosso povo, que eram bem reduzida vítima de doenças e conflito com os Waura aonde morreram muita gente e também pela doença que os garimpeiros transmitiu para nosso povo, esse brancos como garimpeiros passavam frequentemente na nossa aldeia, os brancos já estavam nos rodeando querendo nossa terra, já estavam de olho na nossa terra, só foi nos deixa nossa aldeia eles já começaram a toma posse das terras.

Orlando e Cláudio sabiam disso por isso que eles mudaram a gente da nossa aldeia para outra aldeia, para outra região, atual terra, mais a gente concordou fácil, mudar foi difícil, mais eles não desistiram de ideia de tirar meu povo da aldeia, leva para Leonardo, pra mim foi forçado tirar nós da aldeia, mais como pessoas mais velhos aceitaram forçados, por que os brancos estavam todos dias com nós, explicando conversando, convencendo nossas lideranças nossos guerreiros.

Após alguns dias quando eles organizaram e decidiram muda transferir nosso povo informaram para Wagi que balsa já estava subindo, levou sete dias para bolsa chegar no acampamento e na aldeia, junto chegou Raonir Kayapo, Pioni Kaiabi e demais pessoas homens brancos, foram até nossa aldeia, viram nossa casas, no outro dia preparamos para viagem, não foi fácil abandonar local aonde nasci, e abandonar a casa nesse dia, todos foram para balsa e só cacique Papru, que não queria ir junto com a gente mais foi convencido pelo filho a desamarram sua rede e levaram para bolsa junto com demais.

Ele não aceitava a se mudar para outra região. Ele sabia, que lá não iria ter vida fácil, no meio das outras etnias. Seguimos o rio Jatobá passamos pelo rio Ronuro até rio Xingu, quando chegamos na Morena, eles ficaram indeciso se levaria nos para Leonardo alto Xingu ou para Diauarum Baixo, decidiram depois de um dia e levaram a gente para alto Xingu, e seguimos a direção do posto Leonardo pelo rio Kuluene saímos de manhã na parte da tarde chegamos na boca do rio Tutuari ,e descemos na boca e caminhamos a pé até Leonardo Villas Boas, quando chegamos nesse local vimos muita gente esperando por nós, quando aproximamos eles correram na nossa direção pegaram arco e fecha da mão pessoal.

Depois de tumulto Orlando levou a gente para alojamento para nos alojar, no posto mesmo, ficamos lá no alojamento, povo do alto Xingu ficaram rodeando nosso



alojamento todos os dias, querendo ver a gente, saber mais de nós, porque eles sabia que nos que atacava aldeias deles, então eles estavam cuidando da gente Cláudio e Orlando cuidava da gente para evitar que aconteça alguma coisa com a gente, não foi fácil para nos se adaptar outro lugar, lugar que já tem moradores, passamos alguns meses passando fome, indo para outra aldeia atrás da comida, e depois abrimos aldeia, construímos casa e abrimos roças próximo Leonardo mesmo ali ficamos até mudar para aldeia atual aldeia Moygu médio Xingu.

Não foi fácil viver no Leonardo, durante esse tempo que ficamos no Leonardo trabalhei ajudando Orlando Villas Boas a cuidar da casa deles e dos animais dele como papagaio passava os dias cuidando, não faltava um dia ele me chamava para cuidar em troca de comida como arroz e feijão, comia depois de cuidar animais dele, tinha uns dia que ele chamava de índio preguiçoso e de bunda suja, quando chegavam homens brancos visitar, ele me chamava para limpar alojamento junto com demais pessoas fiquei ajudando ele a cuidar da casa dele, não foi fácil trabalhar para Orlando na época em troca de coisas, como linha pesca, anzóis, rede, cobertor e comida que comia.

ANCIÃ ERAPU IKPENG 76 anos da aldeia Moygu

Isso aconteceu com presença do meu pai, meu pai estava vivo ainda, quando tupi apareceu no céu de avião, isso aconteceu por que acatávamos outras etnias, e eles ficaram sabendo que a gente atacava outras etnias então tupi(homem branco) resolveram localizar nossa aldeia primeiro, avião tinha sobrevoado pela primeira vez, não estava presente na aldeia tinha ido com meus pais bater timbó, quando voltamos pessoal que ficaram na aldeia falaram que passou avião na aldeia sobrevoando aldeia bem baixo isso foi primeira vez que avião homem branco localizou nossa aldeia, quando eles voltaram a sobrevoar nossa aldeia desta vez eles jogaram rapadura quando falaram que avião fez coco na verdade era rapadura, nesse dia também não estava presente, tinha ido junto bate timbó na lagoa chamado Yetepun yegun maioria tinha ido para timbó, ficaram na aldeia, oyeri ,kainpat wayge e demais tinham ficado na aldeia quando avião soltou rapadura, e falaram que avião soltou alguma coisa, ele fez coco ,e não tocaram na rapadura, esperaram AMUTU Matipu volta do timbó, nesse dia tinham falecidos, Otumaka e Wawa, tinham falecidos na pescaria, nesse



dia que avião apareceu na aldeia, todo mundo saiu lançando fecha na direção do avião, isso foi na aldeia, MOYOT PONI, que ele jogou rapadura, depois isso demorou meses, para ele voltar a sobrevoar, já abrimos nova mudamos da aldeia nova, ARATMETPONPİN nesse aldeia, ele sobrevoou várias vezes, avião sobrevoava margem do rio, eles seguiam a gente, e sobrevoou aldeia eles seguiam nossos passos, aonde a gente ia eles sobre voavam, soltavam muitas ferramentas, como facão, faquinhas e outros, todo sobrevoou eles soltaram coisas, a gente pagava sabíamos que iria jogar alguma coisa, não ficaram no mesmo lugar, acho que ele seguiam pelo fumaça do fogo dos acampamentos, quando a gente ouvia barulho do avião a gente apagava fogo, para não fazer fumaça, achávamos que pela fumaça que eles localizavam nosso acampamentos, não ficavam numa aldeia, estávamos fugindo do inimigos dos Waura, eles perceberam que estavam na mata fora da aldeia, que nossa aldeia tinha atacado e incendiado as casas, pessoal falou que foi a FUNAI que estava seguindo a gente com interesse de contatar nosso povo, quando a FUNAI chegou estávamos na lagoa MITXETKO, estava junto com eles nessas lagoas, quando FUNAI chegou na aldeia quando chegamos da lagoa, pessoal tinha falado que homem branco tinha chegado só que voltaram logo, vieram de canoa, assim homem branco começou a se aproxima da gente, entrar em contato com a gente, primeiro de avião várias vezes, e depois de canoa, e resolveram pousar no campo, no campo do TARIK YEGUN, só três pessoas viu avião pousar no campo viram que tupi abriu campo para avião pousar, eles desceram no campo, quando eles aproximaram avião já tinha decolado, pessoal que viram chegaram e contaram para pessoal da aldeia, todos falaram que vamos lá encontrar com eles, então organizáramos para esperar avião voltar, já estávamos esperando avião, fomos para direção do campo aonde ele tinha pousado primeiro, e ouvimos o barulho de avião de dois avião sobre voando, eu tinha bastante medo, do avião, não sabia que iria acontecer, os guerreiro não tinham medo eles foram espera avião eles sabia que avião ia volta, e avião pousou e parou e Orlando saiu do avião e foi na direção e chamando Txicão, e começou sair da mata para direção do Orlando e Cláudio.

Orlando estava com caldeirão, nos mulheres ainda estava na mata esperando alguma coisa acontecer, os homens tinham falado ficamos atento se acontecer alguma coisa com eles, eles daria sinal para a gente fugir com os meninos, só que não aconteceu nada, Orlando ficou entregando material presentes e os homens



gritaram e deram sinal, que está todo bem eles não querem brigar, eles estão entregando presentes, as mulheres começaram a sair da mata na direção do avião e do Orlando e Cláudio e demais presentes no dia e Orlando foi dando presentes para mulheres, como espelho, bacia e outras, todo mundo recebeu muitos presentes do Orlando, assim, começou contato, homem branco eles conseguiram, fala com a gente, entra em contato com a gente, depois disso, ele voltaram para Leonardo, depois eles voltaram de novo de avião dessa vez veio índios juntos no avião, eles trouxeram muitas coisas para nós, deixaram no campo para nós e começamos levar para nossa aldeia, eles também trouxeram comida deles eles estavam já abrindo acampamentos deles próximo nossa aldeia, trabalhos deles era limpa pista para pouso sempre, eles tinham já instalados acampamentos deles e instalados antenas de rádios e rádio amador para comunicar com posto Leonardo Villas Boas, com Orlando, Cláudio que estava no acampamento, quando terminaram de limpa pista Cláudio tinha falado que avião iria chegar, para testa pista, e pousou, eles usavam pista para transportar alimentação deles e para nós, eles arrumavam bastante comida para nós, eles viram que a gente não tinha nada, sem comida, para eles estávamos passando fome, mais na verdade nossa roças estavam longe do acampamento, eles queriam ver nossas roças nossas comidas, só que nossas roças estavam muito longe então estávamos comendo fruta de buriti comendo mel.

Foi Wagi que aprendeu a falar língua portuguesa, eles que passavam informações, para nós, foi ele que tinha avisado que balsa estava vindo para levar nos para outro lugar, se continuarmos aqui homem branco vão acabar com a nossa população, nesse lugar que vamos e mais seguro, então foi assim que fomos tirado do nosso território tradicional foi Orlando Villas Boas e Cláudio Villas Boas que tirou a gente do Jatobá, não foi logo não, demorou muito tempo para eles conseguir localizar nossa aldeia e tirar nós e trazer para outra região.

No momento que eles pousaram de avião no campo Wotxi, fiquei no mato com meu irmão e meu sobrinho no colo, estava pensando como fugir com dois crianças que estava comigo se algo acontecer com pessoal que foram ao encontro com Orlando e Cláudio naquele momento, tive medo de homem branco, mais não aconteceu nada, Orlando começou distribuir presentes, no dia que nós fomos tirado da aldeia, tive medo de mudar, tive medo de entrar na balsa, entrei com ajuda do meu marido e senti bem no meio com meu irmão Yakuma, e descemos rio eu pensava



para aonde eles estão levando a gente, não entendia nada que estava acontecendo, que todos estavam na balsa. Foi algo que a gente não esperava, não sei por causa que nossa população era pouca só isso eles tiraram nós do nosso território não foi fácil para mim, na verdade para todo mundo a gente se perguntava para onde estamos indo, a gente não entendia nada foi assim que fomos tirado do nosso território e hoje estamos vivendo aqui no Xingu, esse território não é nosso e território que arrumaram para nos viver junto com outros povos .



6. A TRANSFERÊNCIA DO IKPENG E A VOZ DOS ANCIÃOS

De acordo com relatos dos anciões depois de guerra com os Waura que começou os contatos com não indígenas. Depois de longa data, desde sua origem até o momento de guerras, teve momentos de alegrias, de festas.

Nós Ikpeng somos povo nômades, mudávamos de um lugar para outro sem preocupar com seu território dominado. Abríamos aldeias no rio Ronuro, depois de conflitos com inimigo Waura. Os Waura usavam arma de fogo, ajuda de homem branco, com uso dessas armas, eles quase dizimaram metade de população Ikpeng, mataram dezenas de guerreiros nesses conflitos, dentre eles morreram meu avô Kumare e o irmão dele Pomekenpo. Meu nome é Pomekenpo, esse nome que herdei e levo esse nome no meu registro de nascimento. Morreu outro guerreiro que estavam no dia de ataque, muitos foram mortos e outros conseguiram escapar, pelo fundo da casa.

Depois do ataque dos Wuará, o avião do irmão Villas-Bôas localizaram a aldeia velha que os Waura atacaram, e localizaram aldeia nova aonde ficaram, nesse aldeia que jogaram presentes, principalmente rapadura que meu povo chamou de coco de avião. Era tudo novo, estranho, desconhecido. Eles jogaram muitas coisas de avião, quando localizaram aldeia, não pararam mais de sobrevoá-la.

Após algum tempo meu povo mudou de aldeia, mas o avião localizava aldeia nova. Teve momento que soltou revista, com retratos de pessoas, então viram que eram os mesmos das imagens da revista que estavam no avião. Os irmos Villas-Bôas soltaram as revistas para saber que eram gente no avião.

Meu povo falou que era então, tupi, ou seja, homem branco, que estava sobrevoando a aldeia, mas Matipu que tinha sido raptado pelos Ikpeng de outra etnia, sabia que era homem branco que estavam jogando, ele orientava todo mundo. Ele dizia que eles não iriam parar de jogar coisas do avião.

Depois de vários sobrevoos, vários materiais lançados na aldeia, depois de muito tempo eles voltaram pelo rio de barco, mas não conseguiram aproximar da aldeia. A



estratégia foi pelo ar mesmo, até eles chegarem para abrir nova aldeia próximo ao campo, isso levou tempo para acontecer enquanto isso, meu povo estava recuperando trauma do conflito e perda dos entes queridos nos conflitos com os Wuará, abrindo aldeia e realizando rituais festas de tatuagem saindo da margem do Ronuro para Margem do rio Jatobá. Na região do rio Jatobá que foram abertas novas aldeias, novas roças, novos acampamentos. A população estava bem reduzida, mas tiveram a força para construir nova casa.

Antes do contato com os Villas-Bôas, eles já tinham conhecido os homens brancos garimpeiros, que navegavam pelo rio Jatobá. Meu povo nessa época já tinha contato frequente com garimpeiros. Os garimpeiros transmitiram doenças para o meu povo, todos ficaram doentes.

A viagem de transferência da região do rio Jatobá para o Parque Indígena do Xingu durou seis dias, foi uma transferência forçada, porque o cacique e líder pajé Papru não queria sair da aldeia e da casa no rio Jatobá. Todo mundo tinha tirado sua rede para entra na bolsa, só ele não tinha desamarrado sua rede, foi seu filho que forçou ele a levantar da rede e ele mesmo desamarrou rede dele.

Quando chegaram no posto Leonardo, viram muita gente esperando-os. Orlando e Claudio, os irmãos Villas-Bôas tinha organizado recepção para eles. Quando chegaram no posto Leonardo todo começaram a aproximar e chegar perto pegando suas fechas e outras coisas. Orlando estava observando, ele sabia que ninguém, ia provocar brigas, ele tinha planejado todo isso. O movimento para a transferência levou muito tempo, até os Villas-Bôas conseguirem retirar meu povo Ikpeng do seu território tradicional para o Xingu.

Nos primeiros meses no Xingu não foi fácil, se adaptar no novo lugar, no novo ambiente, nova estrutura. Quando eles chegaram no Xingu foram para o alojamento Orlando tinha reservado e organizado para alojar, ficaram nesse local alguns dias e meses depois foram levados para aldeias do alto Xingu, para procurar comida como beiju, comida típica Ikpeng, até que se juntaram de novo e abriram aldeia próximo ao posto Leonardo.



Na nova aldeia construíram a casa e abriram suas roças, conheceram mata e lagoas, começaram a trabalhar para Orlando e Claudio em troca de anzóis, linha de pesca, rede e mais coisas como ferramentas.

Foi o líder Wagi que aprendeu a falar a língua portuguesa e a entender o que os brancos falavam. Ele que convenceu todo mundo a se mudar do rio Jatobá para alto Xingu, atual terra indígena do Xingu, com promessa que no Xingu teria bastante coisas boas, não faltaria nada para eles no Xingu, esse foi o discurso de Wagi para os demais. Assim, como ele conhecia todo mundo, eles aceitaram embarca com ele na bolsa que levaria todos até o outro território , o Xingu.

Os Villas-Bôas conseguiram tirar do território e transferir para atual território, deixando o território tradicional dos Ikpeng, na região do rio Jatobá e Ronuro, livres para os invasores que já estavam na região como os aventureiros e os garimpeiros.

A ideia dos Villas Bôas de trazê-los do território tradicional para o Xingu foi errada. Os Villas Bôas podiam ter feito o contato e deixá-los por lá mesmo, porque aqui no Xingu não tem os materiais que nós usávamos, como concha para fazer brinco, uma árvore que servia para ponta de flecha, ervas e outros recursos preciosos para nós.

Até hoje os anciões ficam arrependidos de aceitar a transferência da região do território tradicional para outra região, para outra terra que não é tradicionalmente nossa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o resultado do Trabalho de dissertação do mestrado que servirá para as futuras gerações de alunos alunas Ikpeng. Vai ser utilizado também fora de sala de aula. A pesquisa é fundamental para quem vir depois de nós. Todos os resultados do trabalho vão ajudar meu povo na recuperação do seu território tradicional. Esse trabalho, não vai ficar guardado somente para os docentes, vai ser utilizado para todas as comunidades e a escola do povo Ikpeng.

A pesquisa aqui realizada trata de um aspecto importante do nosso território tradicional, da nossa origem e trajetória até atual território terra indígena do Xingu. Os jovens indígenas Ikpeng precisam conhecer sua história do seu território ancestrais estar preparados para defender e luta em prol da sua terra e o que vier a acontecer futuramente e que afetará não somente as suas histórias de vida, mas fundamentalmente a vida da comunidade.

Se há jovens que têm a expectativa de lutar pela terra que já foi dos seus antepassados terão estes trabalhos como referência de lutar pela demarcação do território, há os que se questionam sobre o futuro e acreditam que não precisam trocar aldeia e preciso luta pelo terra estes manifestam o desejo de reconquistar a aldeia antigas para pescar, dançar e se manterem firmes em uma perspectiva de vida em conformidade com as tradições socioculturais Ikpeng. Na escola o processo ensino aprendizado não pode focar tão somente a habilidade da leitura pela leitura ou da escrita pela escrita. Tem que ser sucedida com demonstrações práticas. Nesse sentido, as crianças e jovens Ikpeng tem de aprender a valorizar e reconhecer sua origem observando e ouvindo atentamente mais velhos contarem da origem. Assim, depois de observar e ouvi os alunos voltam para a sala de aula para as atividades de elaboração textual. Tem muitas coisas que os jovens têm que conhecer foco de análise desta minha pesquisa.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH





REFERÊNCIAS

- BARUZZI, R.G.; MARCOPITO, L.F.; IUNES, M. Programa Médico Preventivo da Escola Paulista De Medicina no Parque Nacional do Xingu. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 21: 155-170, 1978.
- FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). Histórias do Xingu: coletânea de depoimentos dos índios Suyá, Kayabi, Juruna, Trumai, Txucarramãe e Txicão. São Paulo: USP-NHII ; Fapesp, 1994. 240 p.
- GALVÃO, E. **Encontro de Sociedades**: Índios e Brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos Brasileiros; vol. 29).
- GALVÃO, Eduardo. Diários do Xingu (1947-1967). In: GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira (Org.). **Diários de campo de Eduardo Galvão**: Tenetehara, Kaioa e índios do Xingu. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 249-381.
- GALVÃO, Eduardo; SIMÕES, M.F. **Notícia sobre os índios Txikão -Alto Xingu**. Boletim do MPEG: Série Antropologia, Belém: MPEG, n.s., n.24, 23 p., 1965.
- OS "TXIKÃO" E OUTRAS TRIBOS MARGINAIS DO ALTO XINGU. REVISTA DO MUSEU PAULISTA N, S., VOL XIV SÃO PAULO, pp. 78-1.
- MAGALHÃES, Júlia. **Guerreiros da Paz**: no Parque do Xingu, um dos mais importantes territórios indígenas do Brasil, os Ikpeng buscam na memória cultural sua identidade étnica.
- MENGET, P. **Em Nome dos Outros**. Classificação das Relações Sociais entre os Txicão do Alto Xingu. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Assírio & Alvim, 2001.
- "PİRINOP meu primeiro contato". Documentário, 1. hora, 2007. Acervo Casa da Cultura Mawo.
- TAFFAREL, Korotowi. **Ritual da tatuagem**: educação ambiental e prática cultural entre os Ikpeng Dissertação Mestrado. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres, 2010.
- VILLAS BÔAS, Cláudio; VILLAS BÔAS, Orlando. **A marcha para o oeste**: a epopeia da expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Globo, 1994. 615 p.
- VILLAS BÔAS, Orlando. Os Juruna no Alto-Xingu. **Reflexão**. Goiânia: [s.n.], 1970. p.61-86 Maio 1970. capítulo 3.
- Xingu**: 50 anos. São Paulo, Instituto Socioambiental. 2011. P.40-41. Disponível em:http://loja.socioambiental.org/loja/detalhe_download.html?id_prd=10380. Acesso em 03 fev. 2021.



NARRADORES

ANCIÃO OYOPE TXICAO ,78 anos, aldeia Kurure.

ANCIÃO KAMPOT IKPENG, 76 anos, da aldeia Moygu.

ANCIÃO YAKUMA, 68 anos, Ctl Pavuru.

ANCIÃ ERAPU IKPENG, 76 anos, da aldeia Moygu.



ANEXO 1

PRODUTO PEDAGÓGICO

TRAJETÓRIA DO POVO IKPENG PARA A REGIÃO DO XINGU

Livro Paradidático



POMERQUENPO TXICAO



Pomerquenpo Txicao

TRAJETÓRIA DO POVO IKPENG PARA A REGIÃO DO ALTO XINGU

Produto Pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECH) da Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino em Contexto Indígena intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira

Barra do Bugres

2022



APRESENTAÇÃO

Este é um primeiro material orientativo da história da transferência do povo Ikpeng para Xingu, é muito importante para os professores, para os alunos e para a comunidade Ikpeng. Este livro paradidático foi elaborado exatamente de acordo com as narrativas dos anciões da comunidade, que viveram esse momento da história Ikpeng.

O objetivo de produzir este livro paradidático é registrar e orientar sobre importância da história do nosso povo, revitalizar e valorizar a história do contato com não indígena.

Os alunos terão acesso a este material na escola. A leitura desse paradidático é orientada para ser iniciada durante as aulas do 9º ano do ensino fundamental e também no 2º ano do ensino médio.

Este livro é um material de apoio para os professores Ikpeng e poderá ser usado na Escola Indígena Estadual Central Ikpeng da comunidade Ikpeng da aldeia Moygu, Paranoa, Kurure e Arayo, na Escola Municipal Tupara da aldeia Pirino e na Escola Municipal Rawo da aldeia Rawo.

Este material foi produzido por meio de pesquisa com três anciãos e uma anciã. Foram entrevistados os anciãos Oyope Txicão, cantor e artesão, mora na aldeia Kurure na época do contato tinha mais ou menos 27 anos, o senhor Kampot Ikpeng, músico, artesão e arquiteto da casa tradicional e cacique da aldeia, na época da transferência tinha 30 anos, e o senhor Yakuma Txicão, liderança, caçador, pescador, flautista, servidor da Funai na época da transferência tinha mais ou menos 12 anos. Foi entrevistada também a anciã Erapu Ikpeng de 76 anos da aldeia Moygu. As entrevistas foram nas aldeias e nas casas dos anciões e da anciã.



Orientações pedagógica

Prezados professores e estudantes a produção de material didático específico para as escolas indígenas é uma das premissas fundamentais para o atendimento escolar na modalidade educação escolar Indígena. Outra característica da modalidade é o fato de ter um currículo educativo situado em um contexto inter/multicultural e o ensino bilíngue. Nesse sentido, o material didático que vocês estão recebendo agora foi produzido e organizado por mim durante a realização do mestrado em Ensino em Contexto Indígena intercultural. Este livro paradidático aborda o ensino escolar a partir da realidade indígena e nos remete à transferência do nosso povo Ikpeng para o Xingu.

1, O AVIÃO SOBREVOA A ALDEIA IKPENG NA REGIÃO DO JATOBÁ

Do céu que o homem branco apareceu pela primeira vez, eram desconhecidos para os Ikpeng que não sabiam quem estava naquela coisa barulhenta. Por causa do barulho que chamamos de *ĩrĩnkeni*, avião e tupi, o homem branco. Os tupis apareceram do céu, sobrevoando nossa aldeia, para localizar nossa aldeia. Nas primeiras tentativas não encontraram a aldeia Ikpeng, eles sobrevoavam nossa região tentando encontrar, eles davam voltas e depois de vários sobrevoos não sabíamos o que eles queriam com a gente, até que eles resolveram mudar de rota. Antes eles sobrevoaram rio Ronuro e Batovi.

A gente também vivia nas margens desses rios. Quando eles sobrevoaram o Ronuro, nós já não morávamos mais nessa região, tínhamos migrado para a região do rio Jatobá. Esses rios ficavam na nossa região, os rios são perto do outro, então eles sobrevoavam as margens desses rios tentando localizar nossa aldeia, mas na verdade a nossa aldeia ficava na margem do rio Jatobá, que é um rio bem estreito. E só quando eles resolveram mudar de rota é que eles localizaram nos localizaram, não foi fácil não, eles não desistiram de nos procurar, a nossa aldeia, isso foi depois de vários sobrevoos.

2. QUANDO O AVIÃO SOBREVOA A ALDEIA IKPENG PELA PRIMEIRA VEZ

Quando o avião sobrevoou a aldeia pela primeira vez, quando localizaram a aldeia, não tinha muita gente nesse dia, era pouca gente, a maioria estava na caçada.

Os guerreiros estavam no mato caçando quando o avião apareceu lá no alto e vinha baixando até sobrevoar a nossa aldeia, dava voltas bem baixas, passava bem rápido e o ronco do motor fazia um barulho muito alto que assustava a todos. Achávamos que era bicho, era coisa estranha do céu e quando ele baixou bem, ele soltou sacos de rapadura no rumo do pátio da aldeia. Quando essa rapadura caiu no chão com queda ela se desfez, era comida de homem branco. Como ninguém conhecia rapadura, ninguém tinha noção do que era aquilo que caiu do avião perto da casa. Ninguém tocou nisso, era coisa estranha, coisa nova, foi isso que o homem branco jogou pela primeira vez para os Ikpeng, foi o saco de rapadura, no primeiro sobrevoo.



Desenho da Mawanalu Katiparu Txicaço, 2022.

3. OS IKPENG DESCOBREM O NOME DA RAPADURA

Os tupi (homens brancos) soltaram a rapadura na direção da aldeia e caiu no quintal do Owro (casa), ninguém sabia o que tinha caído do avião, não deixaram ninguém tocar, nem mexer na rapadura, esperando os caçadores voltarem da caçada.

Junto com eles estava Awutu Matipu , que recebeu esse nome dos Ikpeng. Quando ele voltou da caçada junto com os outros caçadores, os Ikpeng da aldeia estavam esperando e quando ele chegou contaram para ele que tinha coisa que ele precisava ver, que tinha caído do avião. Quem ficou na aldeia e viu cair do avião, falou que era cocô do avião. Então ele foi ver e quando chegou perto, pegou, colocou na boca e disse para todo mundo que era rapadura, comida doce, comida do homem branco. Os Ikpeng que tinham ficado na aldeia pensaram que o avião tinha feito um cocô e por isso ninguém tinha tocado nela.

O jovem Matipu tinha sido raptado pelo Ikpeng há muito tempo, mas já conhecia o homem branco e por isso ele sabia que eram os homens brancos que estavam no avião. Só depois que ele falou que era rapadura que todos começaram a comer e gostaram e então começaram a dividir para todo mundo da aldeia. A rapadura estava num saco grande, era mais ou menos 20 kg de rapadura.



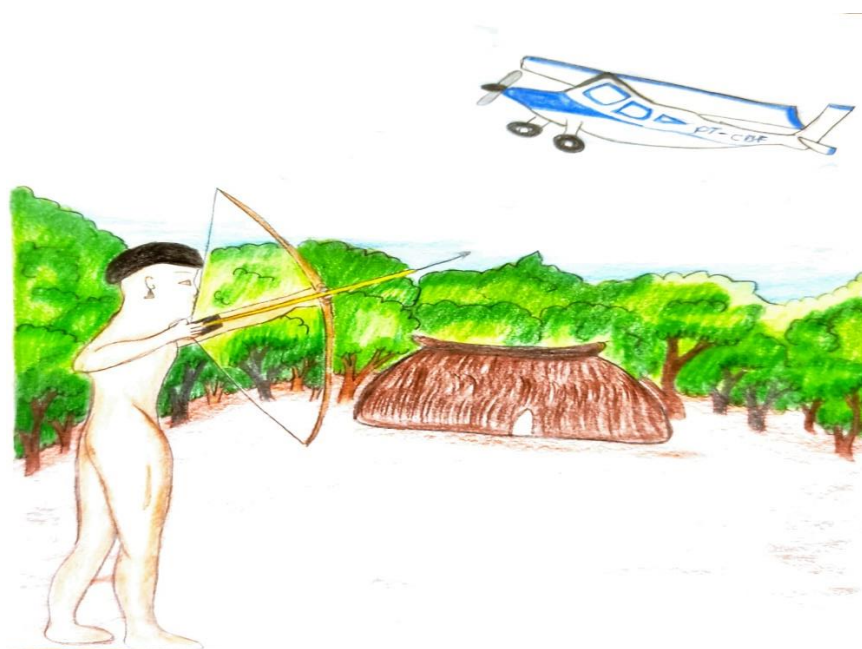
Desenho da Mawanalu Katiparu Txicaço 2022.

4. OS IKPENG VOLTAM DA CAÇADA E ATACAM O AVIÃO

Os caçadores voltaram para aldeia e contaram que nessa caçada tinha falecido duas pessoas, todos ficaram tristes na aldeia, todo mundo chorando e lamentando a morte dos dois. Enquanto a gente estava lamentando nossas perdas, ouvimos o barulho do avião vindo no rumo da nossa aldeia, ele vinha bem em cima e foi baixando, sobrevoou nossa aldeia bem baixinho e jogou rapadura de novo. Os guerreiros Ikpeng então resolveram atacar o avião, lançando fechas na sua direção, foram lançadas várias fechas, mas o avião era mais rápido nenhuma fecha lançada pegou no avião.

As pessoas gritavam para ele ir embora e outras pegaram Makai, um instrumento sagrado que usamos somente no dia de ritual, da festa de tirar o luto de uma família (Karo). Todos estavam muito assustados, tentando entender o que estava vindo do céu, não tinham ideia do que estava acontecendo, porque o avião estava voltando e sobrevoando nossa Aldeia!

Ele deu cinco voltas e foi embora, quando ele foi embora pessoal entrou na casa e ficou sem entender a situação, coisa entranha na nossa região.



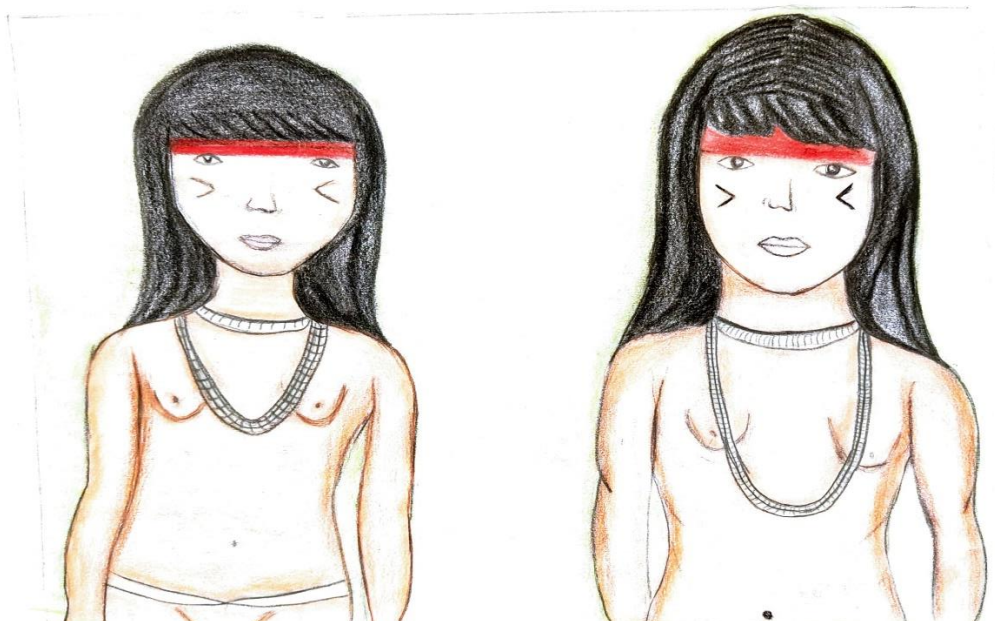
Desenho da Mawanalu Katiparu Txicaço 2022.

5. OS IKPENG RAPTAM DUAS MENINAS WAURA

Durante a caçada eles encontraram a aldeia dos Waura e viram que eles tinham panelas de barro, então eles pegaram as panelas e trouxeram até a nossa aldeia. As panelas eram grandes e pesadas, mesmo assim eles conseguiram trazer até a aldeia sem quebrar.

Nessa ida abriram um o caminho, uma trilha com intenção de voltar e pegar mais panelas, mais não era só isso, eles planejavam voltar para raptar os filhos deles. Eles voltaram para aldeia Waura com a intenção de raptar crianças, isso foi no tempo das chuvas, na época da fruta do pequi cair.

Seguiram a trilha que abriram na direção dessa aldeia, chegaram bem próximo da aldeia e rezaram para as crianças virem pegar a fruta do pequi. Essa reza trouxe duas meninas e eles ficaram esperando na mata, perto do pé de pequi, escondidos na mata. Depois de uma hora de espera vieram duas meninas na direção deles catar pequis e quando elas se aproximaram os guerreiros saíram da mata e correram atrás delas até conseguir pegá-las. Elas não conseguiram escapar, as duas foram pegas e levadas para a aldeia, eram duas meninas Txalu e Kamiru, ambas com mais ou menos 9 anos de idade, já eram grandes.



Desenho da Mawanalu Katiparu Txicaço 2022.

6. OS WAURA TENTAM RESGATAR AS CRIANÇAS RAPTADAS E ATACAM A ALDEIA IKPENG

Os Waura que atacaram nossa aldeia com intenção de resgatar as duas meninas que foram raptadas contaram com a ajuda de arma de fogo (Emelu), que Ikpeng não tinha. Eles vieram com arma de fogo, seguindo a trilha que Ikpeng abriu até chegar próximo da aldeia e ficaram acampados montando estratégia de ataque para resgatar as duas meninas.

Um Ikpeng foi no córrego e viu pegadas de pessoas estranhas, eram dos Waura. Ele estava tirando barro branco quando viu e voltou para avisar todo mundo que os inimigos estavam rodeando, rodeando a aldeia. Os guerreiros não acreditaram nele, disseram que ele tinha visto alguma coisa e não tinha nada de inimigos. Então eles estavam respondendo que não era nada! Falou então que iriam se arrepender quando eles viessem matar e pediu para todos ficarem espertos.

Os Ikpeng resolveram deixar aldeia porque as pessoas estavam morrendo por causa da doença, feitiço que os Waura fizeram contra Ikpeng. De manhã saíram em grupo na direção do córrego e da ponte. Os Waura perceberam que estavam deixando aldeia e dispararam o primeiro tiro matando um Ikpeng e começaram a atacar disparando vários tiros. Ao perceber que estavam sendo atacados, os Ikpeng se refugiaram na mata levando com eles as duas meninas raptadas, só ficaram os guerreiros homens na casa e foram atingidos pelos disparos das armas de fogo. Os Waura não conseguiram resgatar as duas meninas.



Desenho da Mawanalu Katiparu Txicaço, 2022.

7. O AVIÃO POUSA NO CAMPO WOTXI, PRÓXIMO DA ALDEIA

Depois de vários sobrevoos o avião pousou no wotxi (campo) e eram Kantawo, Wompi e Wawana que estavam próximos do campo, fazendo cova para armadilha de pegar capivara (Tunan). Ouviram o barulho do avião bem baixo e foram verificar, quando chegaram no local viram rasto de pneu e mediram com varinha, viram a marca que fizeram com facão no galho também, pegaram esse galho e levaram para aldeia para todos verem que o avião tinha pousado. Todos ficaram curiosos, falaram que ele iria voltar de novo e resolveram ir ao campo no outro dia, para ver se avião desceria de novo. No dia seguinte foram para o campo esperar onde o avião tinha pousado e quando chegaram no local ouviram o barulho do avião. Sabiam que iria pousar, o avião deu a volta e pousou. Esse foi o primeiro contato dos Ikpeng com Orlando e Claudio Villas Boas que entregaram vários presentes para os Ikpeng, como facão, anzóis, espelhos, linhas de pescas, bacia, fosforo etc.

Depois do primeiro contato eles voltaram de barco pelo rio Jatobá, montaram acampamento base bem próximo da aldeia Ikpeng, ficaram do outro lado, na margem do rio Jatobá, de frente para a aldeia.

Os Ikpeng frequentavam o acampamento deles todos os dias, Claudio era o chefe do acampamento. Nesse acampamento que os Ikpeng conheceram mais coisas e Wagi, que aprendeu o português, começou a fazer a tradução do que os tupis falavam. Wagi informou que os brancos estavam com intensão de tirar e mudar os Ikpeng da aldeia e levar para outro lugar. Só que Pabru não concordou com essa decisão, ele perguntava por que estavam aceitando nossa transferência, não concordava dizendo que lá era o lugar do nosso inimigo, não iriam nos receber bem, não iríamos ser bem-vindos lá. Wagi dizia que estavam falando que iriam arrumar comida para nós nesse lugar para onde iriam nos levar.



Desenho da Mawanalu Katiparu Txicaço, 2022.

8. A TRANSFERÊNCIA PARA O XINGU

Depois de algum tempo acampados próximos da aldeia, os tupi resolveram transferir os Ikpeng para outra região, a região do alto Xingu. Wagi avisou tudo mundo, que iriam levar todos para outro lugar, a balsa já estava a caminho para levar os Ikpeng.

Levou 6 dias para balsa chegar até aldeia e quando chegou, no dia seguinte os Ikpeng embarcaram na balsa, só Papru, líder e pajé que não concordava em se mudar, dizia que iríamos nos arrepender. Levou 6 dias para chegar no Xingu. Quando chegamos no posto Leonardo muitas pessoas estavam nos esperando, todos pintados e enfeitados. Eles sabiam que estávamos chegando de balsa, Orlando já tinha informado a todos os povos do alto Xingu sobre a nossa transferência e organizou a recepção quando chegamos na boca do rio Tuatuari.

A balsa encostou no porto, na boca do Tuatuari e os tupi desembarcaram para guiar e levar a gente pelo caminho que ligava o posto Leonardo ao porto da boca, seguimos o caminho a pé até chegar no Leonardo.



9. OS IKPENG SE MUDAM PARA O MÉDIO XINGU

Em 1978, no mês de outubro, os Ikpeng mudaram para região de médio Xingu abrindo novo lugar para morar onde estamos até os dias de hoje, exatamente onde as roças foram abertas. No ano de 2021 completaram-se 45 anos que os Ikpeng estão morando no Médio Xingu, Posto Indígena Pavuru, distribuídas em seis Aldeia Moygu principal e populosa, Arayo, Paranoa, Kurure, Pĩrino e aldeia Rawo . Em 1985, Megaron Txucarramãe, então administrador do Parque do Xingu na época criou o Posto Indígena Pavuru, atualmente coordenação Técnica Local Pavuru.

O motivo da mudança para região do médio Xingu atual Pavuru por conta de que povo do alto Xingu na época não concordavam com a presença dos Ikpeng na região do Leonardo Villas Boas, com medo de conflitos com povo do alto Xingu, isso tinha motivado liderança procura outro lugar para abrir nova aldeia para morar, saíram da região do alto Xingu para médio Xingu, na qual depois da conversa descenderam de canoa : Karaiva Ikpeng, Mairawĩ Ikpeng, Kantawo Ikpeng e Ogota Ikpeng todos já falecidos. Eles descenderam do posto Leonardo Villas boas, do rio Kuluene até o rio Xingu atualmente médio Xingu nesse local entraram na mata e viram que era terra boa para produzir produtos da roça e bastante recurso para construção das casa, e já começaram a montar acompanhamento e abrir a roça, depois de mandioca e outros



produtos ficaram prontos pessoal que tinham ficado na aldeia próximo Leonardo Villas boas também se mudaram para antiga aldeia Wawi e atualmente Ctl Pavuru .

REFERÊNCIAS

NARRADORES:

ANCIÃO OYOPE TXICAO ,78 anos, aldeia Kurure.

ANCIÃO KAMPOT IKPENG ancião, 76 anos, da aldeia Moygu.

ANCIÃO YAKUMA – 68 anos, Ctl Pavuru.

ANCIÃ ERAPU IKPENG 76 anos, da aldeia Moygu.